



Departamento de Sociologia

Medos sociais numa óptica inter-paradigmática:
uma análise exploratória de quadros de representação portugueses

Patrícia Pereira Hermenegildo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia

Orientador:
Professor Doutor Fernando Nogueira Dias, Professor Catedrático
Instituto Piaget

Co-orientador:
Professor Doutor Pedro Prista, Professor Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Ao meu orientador, o Professor Dr. Fernando Nogueira Dias, pelo apoio e disponibilidade constantes, pela prontidão no seu parecer, pelos comentários sempre pertinentes. Os seus trabalhos são de grande inspiração e estímulo para mim.

Ao meu co-orientador, o Professor Dr. Pedro Prista, que sempre me inspirou. Grata por todo o seu apoio, pelas apreciações construtivas, pelas sugestões de melhoria.



Aos meus pais, João Hermenegildo e Elisabete Pereira, por terem contribuído para me tornar na pessoa reflexiva que sou. Por sempre terem feito o melhor que puderam e souberam. Pai, pela tua exigência e persistência em melhorar. Mãe, pela pessoa sonhadora e maravilhosa que és.

Ao Hélio Batista, por todos os momentos. Pelos momentos de reflexão e inteligência. Pela pessoa inspiradora que é. *Pela valorização constante*. Por contribuir para o meu processo de desenvolvimento pessoal. Por me ter ensinado que louco é aquele que não procura ser feliz – porque depois de tudo o que lhe aconteceu, a *vida* não podia não ter outro significado...



A todos os amigos e colegas que, embora não nomeados, contribuíram de forma mais ou menos directa, através do diálogo e da motivação.



A todos os entrevistados, sem os quais seria impossível a realização desta dissertação.

RESUMO

Nesta dissertação abordamos o tema do medo social a partir de uma perspectiva interdisciplinar e inter-paradigmática. Além disso, procuramos perceber quais são os medos sociais dos portugueses, através das suas representações acerca do medo. Nesta relação, esta dissertação procura ser um ponto de partida para uma futura investigação a partir de um ponto de vista inter-paradigmático.

Uma vez que estamos perante um estudo de caso, as conclusões do mesmo não podem ser generalizadas para a população portuguesa. No entanto, e tendo sido entrevistados 77 indivíduos, verifica-se uma tendência para o sentimento de certos tipos de medo, como o medo de falar em público, ser avaliado ou julgado, ou o medo do desemprego. Além disso, a idade não parece influenciar tipos de medo que à priori pensávamos serem característicos de escalões etários mais avançados: o medo da perda, o medo da solidão ou o medo de falhar para com os familiares.

Palavras-chave: Medo social, interparadigmaticidade, interdisciplinaridade, percepções, sentimentos

ABSTRACT

In this dissertation we approach the theme of social fear from an interdisciplinary and inter-paradigmatic perspective. In addition, we seek to understand what the Portuguese social fears are, through their representations about fear. In this correlation, this dissertation is expected to be a starting point for a future investigation from an inter-paradigmatic point of view.

Since we are dealing with a case study, its conclusions cannot be generalized for the Portuguese population. However, having interviewed 77 individuals, there is a tendency to feeling certain types of fear, such as fear of public speaking, being evaluated or judged, or the fear of unemployment. In addition, age does not seem to influence types of fear that we first thought were a characteristic of more advanced age groups: fear of loss, fear of loneliness or fear of failing toward family members.

Key words: Social fear, interparadigmaticity, interdisciplinarity, perceptions, feelings

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO: O MEDO SOCIAL	
1. Sociologia das emoções: notas introdutórias essenciais.....	3
2. A complexidade do medo social	4
2.1. A multidimensionalidade do medo social nas dinâmicas do desenvolvimento da humanidade	4
2.2. A importância do desenvolvimento do cérebro e da consciência humana no medo social	4
2.3. O processo de hominização: uma visão histórica do surgimento das relações de poder e do medo	5
2.4. A dimensão cultural do medo social e a cultura portuguesa do medo	6
2.5. Sistemas de ideias e as emoções	7
2.6. A dimensão histórico-política do medo social: o caso de Portugal	7
3. Um olhar sociológico sobre as emoções e o medo social	8
3.1. A dimensão social das emoções	8
3.2. A dimensão social do medo	9
3.3. O poder e a manipulação político-ideológica e mediática na análise do medo social	9
3.4. Perspectiva estrutural do medo social	11
3.5. Perspectivas culturais do medo social	12
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	
4. Notas epistemológicas e metodológicas: o processo de investigação	13
5. Caracterização da população	15
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS	
6. Medos sociais, categorias e tendências: apresentação de dados	17
7. Medos sociais: análise e interpretação de resultados	20
7.1. O medo social de falhar	20

7.2. Medos sociais relacionados com o futuro	21
7.3. Medos nas relações sociais	24
7.4. A morte e a doença como medos sociais	27
7.5. Medos sociais: a criminalidade	28
7.6. Medos sociais: a guerra e o terrorismo	29
7.7. Medos sociais: a ecologia, o ambiente e os desastres naturais	29
7.8. Medos sociais em relação à desumanidade	31
7.9. A infelicidade como medo social	32
7.10. Medos sociais sobre a inconsciência social	33
7.11. Fobias	33
7.12. Outros: afectividade e gestão das emoções na família	34
8. Percepções sobre os medos sociais	34
8.1. Percepções sobre o medo social na história	35
8.2. Percepções sobre o medo social na época do fascismo	35
8.3. Percepções sobre o poder e o medo social	36
8.4. Percepções sobre os media e o medo social	37
8.5. A variabilidade, universalidade e relatividade do medo social	38
8.6. Outras percepções sobre o medo social	39
CONCLUSÃO	40
BIBLIOGRAFIA	41

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Sexo e idade dos entrevistados	17
Quadro 2. Sexo por fases da vida	17
Quadro 3. Categorias de análise dos medos sociais	19

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Sexo (%)	18
Figura 2. Estado Civil (%)	18
Figura 3. Grau de Escolaridade (frequência absoluta)	18
Figura 4. Situação Socioprofissional (frequência absoluta)	18
Figura 5. Medos Dominantes – por categoria	21

INTRODUÇÃO

O objecto que aqui nos propomos estudar, o medo social, enquadra-se na disciplina da sociologia das emoções. Esta, por sua vez, desenvolveu-se tardiamente, muito em parte devido à história e natureza do pensamento Ocidental, que remete a Descartes – visão predominantemente dicotómica que tende a contrapor a razão à emoção, o “ser humano” ao “ser animal”. As emoções têm sido consideradas como algo primitivo (Williams, 2001), não tendo qualquer relevo para o desenvolvimento do conhecimento científico nem para o estudo do comportamento social e humano. Neste sentido, as emoções não têm sido assumidas como objecto da sociologia, pelo que além dos obstáculos que emergem a nível teórico – o termo *emoção* foi tardiamente conceptualizado – o estudo sociológico das emoções humanas torna-se, no contexto vigente, quase que paradoxal, uma vez que pretende desenvolver uma racionalização sobre aquilo que se considera ser irracional, animal – como tal, “não social”.

Os indivíduos pautam-se pelo «evitar de emoções desagradáveis». A nossa escolha relativamente ao estudo do medo deve-se ao carácter negativo, desagradável e destrutivo da respectiva emoção. Enquanto emoção – primária – negativa, o medo social é difuso, e muitas vezes dificilmente exteriorizado, porque irreflectido ou porque socialmente não assumido.

O medo é o cerne de muitas outras emoções. A partir dele derivam *emoções secundárias*, como por exemplo a vergonha ou a ansiedade. Esta última, por exemplo, parece ser colectivamente sentida, um fenómeno considerado pelo psiquiatra Augusto Cury (2015) como o «mal do século». Por este motivo é importante tentar perceber especificamente quais são os medos que se encontram no âmago da sociedade portuguesa, porque a partir daí é também possível compreender melhor questões que se encontrem a ele associadas.

Posto isto, são dois os objectivos desta dissertação. Em primeiro lugar, realizamos um exercício de exploração da interligação e integração de paradigmas diferentes¹. A questão paradigmática vai além das questões epistemológicas ou metodológicas, exigindo um questionamento dos quadros gnosiológicos e ontológicos que regem o pensamento e os fenómenos (Morin, 1980). O que “afecta um paradigma, quer dizer, a pedra angular de qualquer sistema de pensamento, afecta simultaneamente a ontologia, a metodologia, a epistemologia, a lógica” (Morin, 2008: 80). Assim, é nossa tentativa discorrer acerca da *natureza* do nosso objecto que, enquanto fenómeno social, é resultado de paralelismos e convergências.

Pautamo-nos, assim, pelas premissas da complementaridade e da integração epistemológica (Coutinho, 2016), desenvolvendo uma perspectiva inter-paradigmática e inter-disciplinar, cujo desafio é explorar dimensões e inter-relações que procuram superar o pensamento disjuntivo e unidimensional. Somos então levados a pensar o medo como resultado de uma multiplicidade de factores, que lhe

¹ Em Coutinho (2016) encontramos várias posições que parecem ir no sentido da nossa tentativa de integração. Howe, por exemplo, defende que “há que encontrar uma perspectiva epistemológica capaz de superar o antagonismo integrando aspectos (...) dos paradigmas diletantes” e Pérez Serrano afirma que “a opção por um paradigma determinado não é exclusiva da metodologia de investigação escolhida” Coutinho (2016: 33-34).

concede um carácter multidimensional e holístico – todo e qualquer fenómeno humano emerge numa estrutura complexa de relações, sendo o passado e o presente, assim como todas as outras dimensões da existência, uma só realidade. Convergem então dimensões como a consciência humana, a cultura, a história e a política, entre outras que procuram dar conta da multidimensionalidade do fenómeno. Esta convergência procura um diálogo articulado e interdisciplinar sem que, no entanto, se perca a identidade de cada disciplina.

No que toca aos referenciais temporais-espaciais, temos como «metapontos de vista» (Edgar Morin, 1996) ou de referência as dinâmicas do desenvolvimento da humanidade. Damos ênfase ao medo social enquanto fenómeno humano, o que nos leva a pensá-lo no conjunto do processo de hominização e nos movimentos históricos que o compõem.

Gostaríamos de reforçar a ideia de que não cabe nestas páginas comprovar, concluir ou completar tal integração paradigmática, mas explorar mecanismos que nos permitam incorporar, complementar, adaptar, preencher, ajustar dimensões onde seja possível realizar tal trabalho.

Em segundo lugar, é nosso objectivo contribuir para o desenvolvimento da sociologia das emoções através do estudo do medo social. Assim, e uma vez que a dimensão social do medo não tem sido trabalhada pela disciplina sociológica, damos agora ênfase a uma dimensão estritamente sociológica. O medo é então olhado como algo que está presente no tecido social, que é difuso e intemporal. Além disso, temos também em conta o carácter relativo do mesmo, ou seja, a forma como ressoa e é distribuído de forma diferente, não só pelos vários grupos sociais – emergindo a noção de clima emocional – como pelos vários contextos socioculturais. Por último, adoptamos uma perspectiva crítica, no sentido em que «poder» e «ideologia» emergem como noções centrais no desenvolvimento do medo social. Os movimentos históricos sugerem-nos o a existência de relações de poder, pelo que esta dimensão não pode deixar de ser referida.

No que diz respeito à *empíria*, optámos por estudar os sentimentos e percepções individuais acerca do medo social. Tendo em conta que sentimentos e percepções se constituem como *parte* integrante do todo – do medo social mas também da vida social e humana –, olhamos agora esta dimensão fenomenológica com o intuito de retirar conclusões quanto ao medo social: causas, consequências e visões acerca do mesmo. Trata-se, pois, de uma análise exploratória de quadros de representações portuguesas, onde exploramos também a ligação metodológica – e paradigmática – entre estes elementos e os elementos teóricos.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO: O MEDO SOCIAL

1. Sociologia das emoções: notas introdutórias essenciais

O estudo da emoção humana tem sido, desde o último meio século, dominado pelas áreas da psicologia e da fisiologia (McCarthy, 1989). É na segunda metade dos anos 70 que as emoções começam a ser estudadas de forma sistemática pela disciplina sociológica, sendo Arlie Hochschild a primeira socióloga a empregar, no ano de 1975, o termo «sociologia das emoções» – tornando-se pioneira na área juntamente com Thomas Scheff e Theodore Kemper. Destacam-se também como precursores da sociologia das emoções Randall Collins, David Heise, Denzin, Gordon, Shott, Thoits, Clark, Hammson, Smith-Lovin (Bericat, 2016).

É importante ter em conta que, durante o período inicial da sociologia, fundadores e clássicos como sejam Karl Marx, Émile Durkheim, Charles Horton Cooley, George Herbert Mead (Stets e Turner, 2008, Turner, 2009), Max Weber, Georg Simmel e Vilfredo Pareto (Turner, 2009) *aludiram* à temática das emoções. No entanto, as emoções são tratadas nas suas obras de forma implícita (Turner, 2009; Koury, 2009) e abstracta (Dias, 2007), não tendo sido fornecidas pistas teóricas para uma análise detalhada das mesmas, o que impossibilitou o desenvolvimento de uma teorização sólida nesta área. Mas como refere Simmon (2001), o trabalho dos clássicos acerca das emoções, seja implícito ou explícito, está presente nas suas obras, necessitando essencialmente de uma reinterpretação.

Nas últimas quatro décadas têm contribuído para o desenvolvimento da sociologia das emoções nomes como Turner, Stets, Barbalet, Lively, Lawler, Franks, Robinson, Burke, Clay-Warner, Jasper, Flam, Burkitt, Schieman, Summers-Effler, Kleres, Illouz, Berezin (Bericat, 2016), McCarthy, Fineman, James, Gabe, Bendelow, Williams, Lupton, Game, Metcalfe (Simmon, 2001), entre outros. Em Portugal, destacam-se nomes como Fernando Nogueira Dias e Manuel Lisboa e, no Brasil, Mauro Koury, Raoni Barbosa, entre outros. A maioria dos estudos actualmente produzidos na área da sociologia das emoções tende a focar-se num micronível de análise – emoções geradas na interacção entre indivíduos – existindo poucas abordagens com enfoque no macronível, como a relação entre as emoções e a estrutura social ou as emoções e a cultura (Turner e Stets, 2006), tornando-se evidente a necessidade do desenvolvimento de uma macro-sociologia das emoções (Bericat, 2016). É fundamental compreender que as emoções individualmente sentidas ocorrem dentro de uma macroestrutura, onde o poder e os recursos são distribuídos de forma desigual (Stets e Turner, 2008).

De acordo com Dias (2007: 63), “a emergência da sociologia no campo das emoções reside no facto de que a emoção se encontra na base do comportamento social”. A ideia de que a acção humana não é, afinal, somente motivada por interesses racional-económicos (Thoits, 1989) tem vindo a evidenciar-se, pelo que alguns sociólogos têm reconhecido, nas últimas décadas, as emoções como uma dinâmica central do comportamento humano, da interacção e da organização social (Turner, 2009). As emoções são importantes para a sociologia “primeiro, porque a sociologia procura explicar fenómenos sociais, e a emoção é um fenómeno social, e segundo porque a emoção é necessária para explicar os fundamentos do comportamento social” (Barbalet, 2001: 8–9, trd. nossa).

2. A complexidade do medo social

2.1. A multidimensionalidade do medo social nas dinâmicas do desenvolvimento da humanidade

Para compreender o medo social de um ponto de vista multidimensional necessitamos, em primeiro lugar, de definir coordenadas temporais-espaciais de análise. Assim, e uma vez que consideramos o medo social como *fenómeno humano*, pensamos-lo no conjunto das dinâmicas do desenvolvimento da humanidade e dos movimentos históricos que o compõem.

Todo e qualquer fenómeno está inserido em processos cíclicos da natureza (Capra, 1996). O processo de hominização é uma “morfogénese complexa e multidimensional resultante de interferências genéticas, ecológicas, cerebrais, sociais e culturais” (Morin, 2005: 55), pelo que o homem deve ser encarado como um sistema genético-cérebro-sociocultural. Em suma, o desenvolvimento “da espécie, da sociedade, do indivíduo, estão inter-relacionados” (Morin, 2005: 89). Como afirma Edgar Morin:

(...) toda a unidade de comportamento humano (*prática*) é simultaneamente genética/ cerebral/ social/ cultural/ ecossistémica (...); o homem não tem uma essência particular que seja unicamente genética ou unicamente cultural; o homem não é uma sobreposição quase geológica do estrato cultural sobre o estrato biológico; a sua natureza reside na inter-relação, na interacção, na interferência, nesse, e por meio desse, policentrismo (Morin, 2005: 196).

Dito isto, iremos agora pensar várias dimensões que compõem o medo social.

2.2. A importância do desenvolvimento do cérebro e da consciência humana no medo social

Necessitamos agora de pensar o cérebro e o desenvolvimento da consciência como factores-chave no desenvolvimento das sociedades humanas e, em consequência, do medo social.

Como afirma Edgar Morin (2005), o cérebro encontra-se no ponto crucial de todas as inter-relações, sendo um centro de ligação entre o sistema genético, o indivíduo, o sistema cultural, a sociedade: o “epicentro do sistema auto-organizacional total” (Morin, 2005: 89). Foi com a evolução do *neocórtex hominídeo e humano* que, como refere Turner e Stets (2005), se deu o desenvolvimento das sociedades humanas, da complexidade cultural. As sociedades humanas constituem-se humanas no sentido em que o cérebro humano desenvolveu ferramentas necessárias (estruturas e processos cognitivos) que permitiram o desenvolvimento da consciência.

Assim, o cérebro permitiu o desenvolvimento de sistemas de representação, da criação e atribuição de significados, da linguagem, da consciência. «Consciência» significa «conhecer juntos», como indica a raiz latina da palavra «con-scire», indicando ser também este um fenómeno social (Capra, 1996). Sem o surgimento da consciência “não existiria o conhecimento e não haveria ninguém para notar isso; conseqüentemente, não haveria uma história do que os seres fizeram ao longo das eras, não haveria cultura nenhuma” (Damásio, 2011: 17). Neste sentido, nem sequer as emoções “podem ser conhecidas pelo indivíduo que as possui antes de haver consciência” (Damásio, 2013).

Neste sentido, também a linguagem exerce aqui um papel fundamental. A linguagem é “o primeiro sistema discursivo altamente complexo que emergiu para além da própria organização biótica,

e [que] abre o caminho a uma prodigiosa complexidade antropológica, cerebral, individual, social, que ainda está longe de ser esgotada ou saturada...” (Morin, 2005: 73), possuindo “um papel mediador entre a experiência individual e a experiência social da realidade, exercendo um papel activo no processo de conhecimento” (Freixo, 2012: 196). O medo social é, pois, também linguisticamente contruído.

As ideias anteriormente apresentadas ressaltam a ideia de que o medo social é exclusivo e característico das sociedades humanas, pois sem o desenvolvimento do cérebro, sem consciência, sem sistemas de representação, seria impossível sentir medos para além daqueles fisiológicos. Como refere Morin (2005: 136) a ansiedade “humana está menos ligada ao perigo imediato do que à emergência da consciência”. Esta é “a forma de medo mais complexa na estrutura de relações” (Dias, 2007: 74).

2.3. O processo de hominização: uma visão histórica do surgimento das relações de poder e do medo social

Como dito anteriormente, o *medo social*, no sentido em que aqui o utilizamos, nasce nas, e pertence às sociedades humanas. Pensamos agora o *processo de hominização*, desde australopiteco até ao homo sapiens sapiens: porque o medo está inserido em processos históricos, porque o passado e o presente são uma só realidade.

Se entre os caçadores-recolectores não havia ninguém que comandasse, uma vez que as decisões eram tomadas em grupo e por vezes pelos homens mais velhos (Citron, 1999), com o surgimento da sedentarização, da agricultura e respectivo armazenamento este cenário deixou de ser assim:

A partir do momento em que reservas importantes começaram a ser armazenadas, o interesse pela partilha diminuiu. Sentimentos novos apareceram então: a vontade de arranjar bens para armazenar, de guardá-los para si e de vir a ter mais do que outros. Quando as reservas se tornaram colectivas, os homens que as controlavam adquiriram uma nova importância. Já não se tratava do simples prestígio do caçador «doador», mas do sentimento de ter poder, de ser alguém importante e de fazer com que os outros dependessem de si. Então, nas aldeias, as relações entre as pessoas começaram a mudar (Citron, 1999: 33).

Com a sedentarização nascem então as «ideias de riqueza». Como afirma Suzanne Citron, a partir do momento em que surge a apropriação de um meio de sobrevivência, algumas famílias dominam outras, consideram-se superiores e transmitem essa superioridade aos seus filhos. Esta é a «origem da propriedade privada» que, em conjunto com a «divisão social do trabalho» (Engels, 1884) faz emergir as «primeiras grandes desigualdades sociais» (Citron, 1999).

“Os poderosos, que eram ao mesmo tempo os ricos, dominavam uma massa populacional cuja vida permanecia pobre e frugal. Os camponeses produziam os alimentos sem beneficiarem verdadeiramente do valor do seu trabalho. Mas, porque eram agora sedentários, apesar de serem infelizes não se iam embora. Começavam a habituar-se a submeter-se às exigências dos poderosos e a obedecer-lhes (Citron, 1999: 34).

Como afirma a historiadora, os primeiros chefes rodeavam-se de pessoas que executavam as suas ordens e os faziam respeitar pela população: porque conseguiam impor a sua autoridade, fazendo crer aos outros que eram protegidos pelos deuses, sendo aprovados e apoiados pelos sacerdotes, que pertenciam às famílias ricas. Por seu turno, aqueles que se submetiam às «exigências dos poderosos» mantinham-se na sua dependência, com medo. Uma das formas de *medo social*, no sentido em que aqui o utilizamos, nasce neste domínio, onde a manipulação pelo poder toma lugar.

2.4. A dimensão cultural do medo social e a cultura portuguesa do medo

O medo social é também um fenómeno cultural que, tal como qualquer outra emoção, é marcado por “manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação” (Mauss, 1921: 147). Como afirma (Geertz, 1989: 59), “Não apenas as ideias, mas as próprias emoções são, no homem, artefactos culturais” e, enquanto artefactos, orientam a forma como os indivíduos devem falar, agir e sentir, isto é, comportamentos, gestos (Turner, 2005) e também sentimentos.

José Gil alerta-nos para um traço do povo português que manifesta a existência de medo: a «não inscrição social». Como afirma o autor, o medo que se encontra enraizado na cultura portuguesa torna naturalizada a ideia da indiferença: é “natural” que não se participe activamente na sociedade, que não se cumpra o exercício de cidadania. Neste sentido, o medo *orienta* especificamente formas de comportamento e de estar como a passividade, o conformismo, o desinteresse e a indiferença. O seguinte excerto ilustra estas «formas de estar portuguesas» provenientes deste «medo de existir»:

«É a vida.» Esta frase com que o apresentador da RTP termina amiúde o Jornal da Noite dá o tema do ambiente mental em que vivemos. «Dar o tom» significa muito mais do que «sugerir» ou «indicar» uma direcção de leitura. Na realidade, constitui por si só toda uma «visão do mundo» e, mais importante, toda uma visão de nós mesmos, da nossa vida enquanto (tele)espectadores do mundo (Gil, 2012: 7).

As elevadas taxas de abstenção ao voto são um exemplo visível da «não inscrição social». Vejamos agora a perspectiva cultural de Ruth Benedict que, no seu famoso livro *Padrões de Cultura*, nos explica como se dá o processo de interiorização cultural – e, conseqüentemente, socio-emocional – que viabiliza este ambiente:

A história da vida individual de cada pessoa é acima de tudo uma acomodação aos padrões de forma e de medida tradicionalmente transmitidos na sua comunidade de geração para geração. Desde que o indivíduo vem ao mundo os costumes do ambiente em que nasceu moldam a sua experiência dos factos e a sua conduta. Quando começa a falar, ele é o frutozinho da sua cultura, e quando crescido e capaz de tomar parte nas actividades desta, os hábitos dela são os seus hábitos, as crenças dela, as suas crenças, as incapacidades dela, as suas incapacidades. Todo aquele que nasça no seu grupo partilhará com ele, e todo aquele que nasça num grupo do lado oposto do globo adquirirá a milésima parte dessa herança (Benedict, 1934: 15).

Por seu turno, também Norbert Elias (1990a; 1990b) alude, na sua obra *O Processo Civilizador*, ao processo de interiorização emocional. O autor trata a forma como as maneiras e os padrões sociais se desenvolveram e a forma como estes controlam sentimentos e comportamentos individuais.

Dito isto, o processo de interiorização cultural possui também uma função socializadora, fornecendo aos indivíduos um «entendimento mútuo» (Turner, 2005) dos acontecimentos. Assim, não só os hábitos e as crenças, mas também as emoções – partilhadas – orientam formas de comportamento, existindo inclusive emoções que devem ser sentidas em determinados contextos² para o bom funcionamento das sociedades. O medo pode, pois, ter uma função socializadora, que se materializa por exemplo nas «conversas de café» sobre o estado do país.

2.5. Sistemas de ideias e as emoções

A evolução da consciência permitiu ao ser humano a capacidade de se pensar a si mesmo e à realidade envolvente. A complexidade social e humana é de ordem tal que podemos falar no desenvolvimento de sistemas de ideias, “princípios «supralógicos» de organização do pensamento ou paradigmas, princípios ocultos que governam a nossa visão das coisas e do mundo sem que disso tenhamos consciência” (Morin, 2008: 14).

Dito isto, há “qualquer coisa de muito característico no modo como as emoções estão ligadas às ideias, aos valores, aos princípios e aos juízos complexos que só os seres humanos podem ter, sendo nessa ligação que reside a nossa ideia bem legítima de que a emoção humana é especial” (Damásio, 2013). Factor de relevo na forma como compreendemos e interpretamos o mundo, os sistemas de ideias são moldados e moldam o social – e, em consequência, as emoções. A forma como cada indivíduo percebe e organiza as suas categorias do real depende, em larga medida, das lógicas de pensamento dominantes. Assim o medo, enquanto fenómeno social, está também implicado nos sistemas de ideias, já que estes se encontram na base de tudo o que é socialmente difundido.

2.6. A dimensão histórico-política do medo: o caso de Portugal

O poder político é o cerne da “disseminação” dos sistemas de ideias, das estruturas de pensamento, das doutrinas filosóficas e das ideologias subjacentes. Tendo em conta que a realidade se encontra impregnada de ideologias, pretendemos agora olhar de forma breve a história política de Portugal e para a forma como esta condicionou uma cultura de medo.

² A propósito, Sigmund Freud teorizou que um indivíduo irá experienciar vergonha se não se tiver comportado de acordo com as normas do grupo de pertença, culpa se não tiver compreendido bem os padrões morais sobre os quais se devia comportar, e medo se tiver de aceitar consequências relativas a comportamentos considerados inapropriados ou incompetentes (Turner e Stets, 2005).

Há quarenta e três anos atrás Portugal viveu a Revolução da Liberdade, na tentativa de eliminar o regime fascista. Como afirma Gil (2012: 16), “muito se herdou e se mantém das antigas inércias e mentalidades da época da ditadura”.

As emoções de um povo, assim como a respectiva auto-estima são, em grande medida determinadas pela sua herança histórica e a sua estrutura política, e uma das características que se herdou desta época foi o medo. “O medo herda-se. Porque interiorizado, mais inconsciente do que consciente, acaba por fazer parte do «carácter dos portugueses» (ditos «tristes, taciturnos, acabrunhados»), integra-se no «impensado genealógico» (...) que passa de pais para filhos, de geração em geração” (Gil, 2012: 68).

O medo está, assim, impregnado filogeneticamente na cultura portuguesa, e a estrutura emocional do povo português pode ser observado na respectiva cultura, através dos hábitos e costumes. Voltamos então novamente à ideia da «não inscrição social»: porque “inscrever implica acção, afirmação, decisão com as quais o indivíduo conquista autonomia e sentido para a sua existência. Foi o salazarismo que nos ensinou a irresponsabilidade – reduzindo-nos a crianças, crianças grandes, adultos infantilizados” (Gil, 2012: 17).

O medo impede, assim, a *maturidade* social, o assumir do *ser*, acima de tudo porque impede o desenvolvimento do sentimento de confiança. Como bem afirma e questiona Fernando Nogueira Dias, os medos históricos “funcionam como fantasmas que a todo o momento nos atormentam. Será que algum dia nos vamos libertar da sua opressão? Por certo que sim, mas para isso serão necessárias terapias colectivas, que nos resgatem dos grilhões do passado e nos ajudem a projectar-nos no futuro” (Dias, 2007: 83).

3. Um olhar sociológico sobre as emoções e o medo social

3.1. A dimensão social das emoções

Iremos agora focar a nossa atenção numa análise estritamente “sociológica” das emoções e do medo. Primeiro que tudo, as emoções são responsáveis pela influência de uma parcela significativa do comportamento humano (Thoits, 1989: 317), permeando muitos dos aspectos da experiência humana e das relações sociais (Turner e Stets, 2005: 1). Estas residem não só “em processos individuais, mas também nas relações entre os indivíduos, e nas relações entre estes e os processos sociais que [as] determinam” (Dias, 2007: 68), estabelecendo uma ponte entre a estrutura social e a acção do actor, predispondo-o para a acção (Dias, 2007).

Assim, ao estudar as emoções de um ponto de vista social, podemos compreendê-las “no quadro da interacção social, no âmbito da qual surge o sentimento, e este, por sua vez, transforma a própria interacção” (Dias, 2007: 69), como podemos tê-las como algo que torna viável a existência de estruturas sociais e sistemas culturais simbólicos (Turner e Stets, 2005). Embora a dimensão emocional da estrutura de relações se apresente mais nítida nos microssistemas sociais, devido à proximidade física dos indivíduos, esta não deixa de exercer menos importância nos sistemas sociais mais vastos, “onde as

relações são mais atomizadas e a vida mais institucionalizada”, impelindo os homens à acção “para fazerem coisas em comum, como empresas, organizações de trabalho e de cultura, Estados, partidos, instituições, ou mesmo a guerra, etc.” (Dias, 2007: 66).

3.2. A dimensão social do medo

Os medos sociais têm, ao longo do desenvolvimento da humanidade, origem no tecido social, possuindo uma estrutura difusa e encontrando-se enraizados numa parte substancial dos indivíduos de um sistema social ou relacional, sendo por isso comuns a um conjunto mais ou menos vasto de sujeitos (Dias, 2007).

A emoção de medo social é:

Circunscrita a determinados contextos socioculturais; (...) atemporal, no sentido em que, independentemente das causas, do passado ou do futuro, é experienciada pelos indivíduos no presente, e por isso é um presente alargado; (...) de intensidade variável, mas presente num estado latente; (...) sentida no decurso temporal com regularidade (Dias, 2007: 58).

O medo social diz assim respeito ao que “o sujeito difusamente sente, com uma regularidade temporal, semelhante ao que outros que fazem parte do mesmo sistema relacional ou social também experimentam” (Dias, 2007: 58). A ausência de contornos claros e precisos de uma emoção que tem a sua origem no tecido social transmite aos indivíduos a sensação de não se encontrar localizada nestes, que a sentem de forma difusa e latente (Dias, 2007), traduzindo-se em disposições sentidas a longo prazo (Averill, 1996: 37). Estas poderão dar a impressão de não se encontrarem presentes, como se, utilizando as noções de Edward T. Hall (1959; 1982) de uma «linguagem silenciosa» ou uma «dimensão oculta» se tratasse. Além disso, e por não possuírem, por vezes, um objecto definido – ou por não existir consciência do mesmo –, os medos sociais podem provocar nos indivíduos a sensação de impotência para agir, sendo esta “a forma de medo mais complexa na estrutura de relações” (Dias, 2007: 74).

Mas as emoções ocorrem dentro de uma macroestrutura (Stets e Turner, 2008), não circulando de forma errante pelo tecido social. São, pois, delimitadas por factores contextuais de ordem social, cultural, política e geográfica, mais ou menos evidentes ou percebidos, apresentando padrões diferentes de acordo com a sociedade em questão. Assim, a estrutura de relações à qual o indivíduo pertence delimita as emoções que cada membro experimenta (Dias, 2007), como veremos mais adiante.

3.3. O poder e a manipulação político-ideológica e mediática como dimensões centrais na análise do medo social

Como afirma Fernando Nogueira Dias, as emoções necessitam de ser compreendidas “no seio das relações estruturais de poder e de status que as desencadeiam” (Dias, 2007: 67).

Aas emoções podem tomar a forma de *regulação social* através de um «encorajamento do sentimento de medo». Tal encorajamento tanto pode existir em sociedades com poder de carácter vertical (autoritárias, hierarquizadas) como com poder de natureza horizontal (em rede, consensual),

pois na realidade não existem sociedades sem *censura*: o que pode mudar de um para outro regime político são as *modalidades* de censura (Dias, 2007).

Assim, a coacção da liberdade não é exclusiva dos regimes opressores e sim “um problema intrínseco ao próprio poder” (Dias, 2005: 51). Nas sociedades com formas de poder horizontal a censura não provém (directamente) do autoritarismo político, radizando “em critérios mais complexos: económicos, comerciais, tecnológicos ou excesso de informação” (Dias, 2005: 107). Importa compreender que o «ruído» deste excesso de informação impede ao receptor – o cidadão – a capacidade de processar ideias e, por seu turno, de tomar consciência da ausência de informação, sendo esta uma forma de controlo das mentes. Aqui, o controle é exercido não devido à falta de informação, mas ao excesso da mesma, que se constitui em ruído permanente (Morin, 2008; Dias, 2005: 107) – muitas vezes exercido através dos *media*.

Deste modo, as configurações da manipulação empregues nas sociedades conservadoras ou ditatoriais diferem das que se fazem sentir nas sociedades democráticas, mais sofisticadas. Aqui, a despreocupação por parte dos cidadãos é também mais elevada: “A despreocupação de que vivemos num mundo desideologizado, onde o que interessa é o pragmatismo das acções e das decisões, deixam-nos vulnerabilizados e sem defesas perante os ataques cerrados dos interesses alheios” (Dias, 2005: 50).

Outra forma de controlo através do medo é também a criação de *desemprego estrutural*. Autores da psicologia falam-nos na *segurança* como um dos elementos essenciais na formação dos indivíduos. O estágio da segurança (ou estabilidade) teorizado por Abraham Maslow, encontra-se associado à “ausência de medo, de ansiedade e de caos” (Maslow, 1970: 39) e são disso exemplos a “protecção contra o perigo, a doença, a incerteza, o desemprego, o roubo e a privação” (Dias, 2007: 48). O «exército industrial de reserva» de que nos falava Karl Marx (1990), em que parte da população activa se encontra permanentemente desempregada, é uma forma de poder através do medo, que sujeita os indivíduos a condições de trabalho precárias e contractos de trabalho instáveis.

Os recursos de poder são, na verdade, muito variados:

Numa sociedade capitalista avançada, os recursos económicos como a riqueza e o controlo sobre os postos de trabalho são vitais, mas existem muitos outros recursos de poder: por exemplo, a capacidade organizacional, o suporte numérico, a competência, o conhecimento especializado, o controlo da informação, a ocupação de certas posições sociais, o controlo de instrumentos da força e a reputação de poder em si mesma. Esta última é uma única fonte de poder: ela não depende da detenção de poder em si, mas na crença, por parte dos outros, de que realmente existe (Scott e Marshall, 2009: 593, trd. nossa).

Poderíamos continuar a descrever maneiras em como o medo actua como forma de controlo social. O medo é oposto da liberdade e confiança, uma «estratégia para nada inscrever». O medo constitui-se, antes de mais, “como medo de inscrever, de existir, de afrontar as forças do mundo desencadeando as suas próprias forças de vida. Medo de agir, de tomar decisões diferentes da norma vigente, medo de amar, de criar, de viver. Medo de arriscar” (Gil, 2012: 69).

Nas palavras de Max Weber, «poder» é a “possibilidade que um homem ou um número de homens tem de impor a sua vontade sobre uma acção social, mesmo que contra a resistência dos que participam nessa mesma acção (Weber, 1978: 926, trd. nossa). Parece que se trata “afinal, sempre, de relações de poder” (Gil, 2012: 70).

O poder não pode deixar de estar interessado na manipulação do medo. A sua produção e reprodução permite-lhe controlar os corpos e as mentes, como o autoriza a marcar os seus territórios físicos e espirituais, a ampliar as suas fronteiras e a reduzir os adversários à sua menor expressão, e tudo isto em nome da segurança dos indivíduos. A política serve-se igualmente da manipulação do medo para se constituir em grupo, em partido ou em facção, para manter a sua unidade e coesão e, sobretudo, para atingir e manter o poder (Dias, 2007: 121).

3.4. Perspectiva estrutural do medo social

Jack Barbalet é o primeiro autor a trabalhar as emoções a partir de uma perspectiva macroestrutural (Stets e Turner, 2008). Barbalet procura demonstrar o impacto da estrutura social sobre as emoções, explorando a relação entre aspectos da estrutura social – em particular aqueles relacionados com as desigualdades e o poder – e emoções específicas, como o ressentimento, o medo, a confiança, a vingança e a vergonha.

De acordo com o autor, o medo é característico das populações humanas e possui um carácter intersubjectivo, no sentido em que surge em contextos sociais, é experienciado socialmente e cada indivíduo contribui para essa experiência, que é colectiva (Barbalet, 2001). À experiência colectiva das emoções, Barbalet (2001) atribui o termo «clima emocional». Este conceito representa o fenómeno grupal em que os indivíduos, envolvidos em estruturas e processos sociais comuns, partilham emoções ou sentimentos semelhantes. Os climas emocionais influenciam, por um lado, o comportamento individual e constituem, por outro, um recurso de acção e comportamento colectivo, sendo também significativos na formação e manutenção de identidades políticas e sociais (Dias, 2007).

O conceito de *clima emocional* enquadra-se na perspectiva da estratificação social, uma vez que as emoções são tidas como um recurso, análogo a qualquer outro, que se distribui de forma desigual e estratificada nos vários segmentos populacionais – distribuição essa que tende a estar associada ao status socio-económico de pertença. Deste modo, tipos específicos de emoções tendem a surgir entre populações com o mesmo status socio-económico (Barbalet, 2001; Stets e Turner, 2008; Turner e Stets, 2006). Segundo o autor, quando ocorrem mudanças na estrutura social, os indivíduos reagem emocionalmente e colectivamente às novas circunstâncias (especialmente à redistribuição de valores como o poder, a honra e condições materiais de bem-estar). Esta é uma abordagem macro-sociológica (Bericat, 2016) e estrutural das emoções que remonta à visão de Karl Marx, assim como às novas teorias do comportamento colectivo e dos movimentos sociais (Turner e Stets, 2006).

Jack Barbalet afirma ainda que o «conteúdo dos climas emocionais» pode identificar o meio social em que os indivíduos se inserem, pois cada grupo social possui um padrão representativo que o

diferencia dos restantes. No entanto, os climas emocionais não são como uma “manta” que cobre de forma igual todos os membros de um grupo. É preciso compreender que os grupos sociais são também estruturados por diferenças e que essas diferenças formam assimetrias (por exemplo, de autoridade), pelo que “cada membro do grupo irá contribuir de forma diferente para a formação do clima e irá experienciá-lo de acordo com o lugar específico que ocupa no mesmo” (Barbalet, 2001: 160, trd. nossa).

Existem ainda outras categorias pelas quais as emoções podem ser distribuídas. Assim, além da classe, categorias como o género e a raça podem, por exemplo, experimentar emoções similares uma vez que pertencem a um mesmo lugar no sistema de estratificação: são estruturalmente equivalentes, têm as mesmas experiências e, como tal, são susceptíveis de ter as mesmas reacções emocionais (Barbalet, 2001). O medo pode assim ser sentido em forma de clima em conjuntos variados de segmentos populacionais.

3.5. Perspectivas culturais do medo social

Dois autores que trabalham, na recente literatura sociológica, a emoção de medo a partir de uma perspectiva socio-cultural são Barry Glassner e Frank Furedi (Tudor, 2003).

De acordo com Glassner, a maioria dos medos que “andam no ar” são infundados, uma vez que estão a ser manipulados por pessoas, grupos sociais ou organizações e que na realidade se tratam de uma percepção errónea de perigo (Glassner, 1999; Tudor, 2003). Segundo o autor, torna-se essencial identificar quais os medos que são exagerados e quais os medos que são legítimos – em suma, realizar uma distinção entre perigo real e perigo percebido (Tudor, 2003).

Frank Furedi procura, por seu turno, uma explicação mais compreensiva sobre o assunto (Tudor, 2003). A ideia central do autor relativamente ao medo é de que existe um «clima moral» generalizado onde se parte do princípio de que a segurança deve existir: em suma, uma ideia *naturalizada* da segurança. Assim, tudo tende a ser analisado e avaliado de acordo com esta “perspectiva de segurança” – aspecto que caracteriza a sociedade moderna e que provoca nos indivíduos um estado de constante insegurança (Tudor, 2003: 244). Andrew Tudor (2003) critica esta visão, afirmando que tal construcionismo cultural relativiza em demasia os aspectos realmente alarmantes da vida moderna – perigos reais –, acabando por subestimar a verdadeira força dos acontecimentos e os respectivos medos.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

4. Notas epistemológicas e metodológicas: o processo de investigação

A ciência é resultado de uma “atitude incessante do homem de querer conhecer” (Coutinho, 2016: 5). Desta forma a ciência deve, por um lado, procurar compreender e explicar a realidade da forma mais precisa e, por outro, reflectir-se a si mesma nesse processo.

Curiosamente, parecem existir paradigmas que possuem “aversão à reflexão filosófica” (Santos, 1999: 68), no entanto, é essencial que a ciência e a epistemologia não sejam tidas de forma separada, sob pena da primeira cair no esquecimento daqueles que são os seus objectivos iniciais, tomando o lugar da religião e do mito outrora severamente criticados por si. Foi essa atitude de «verdadeiro espírito científico» (Bachelard, 2005: 18-19) que permitiu que se abandonasse a religião e o mito como principais formas de obtenção de conhecimento.

As questões fundamentais são abandonadas como questões gerais, isto é, vagas, abstractas, não operacionais. A questão original que a ciência roubou à religião e à filosofia, para assumi-la, a questão que justificou a sua ambição de ciência: «Que é o homem, que é o mundo, que é o homem no mundo?», é actualmente remetida pela ciência para a filosofia, sempre incompetente aos seus olhos por elitismo especulativo, remete-a para a religião, sempre ilusória aos seus olhos por mitomania inveterada. Abandona todas as questões fundamentais aos não sábios, a priori desqualificados. Tolerava somente que, na idade da reforma, os seus grandes dignitários adquiram uma certa altivez meditativa, que fará sorrir, sob as retortas, os jovens de bata branca. Não é possível articular as ciências do homem com as ciências da natureza. Não é possível fazer comunicar os seus conhecimentos com a sua vida (Morin, 1977: 16).

Temos como premissa a ideia de que tais «questões fundamentais» devem ser reflectidas ao longo do processo de desenvolvimento da ciência. É, pois, essencial pensar as estruturas dos sistemas de pensamento, numa relação constante e dinâmica entre estas e a teoria que a partir daí se desenvolve.

Assim trabalhámos, ao longo do Capítulo I, a *natureza* do objecto em estudo como resultado de paralelismos e convergências, procurando questionar os quadros de pensamento disjuntivo e unidimensional. Analisámos também o medo do ponto de vista sociológico, que nos servirá de quadro para a análise que se segue. Iremos agora ater-nos à reflexão relativamente às formas de obtenção de conhecimento empírico.

A nosso ver, o *conhecimento* surge nas e das inter-relações, isto é, na relação constante e dinâmica que se estabelece entre teoria e prática (Coutinho, 2016). O conhecimento não nos é, pois, somente dado à priori: ele surge e é modificado à medida que os dados emergem da praxis, numa lógica semelhante àquela desenvolvida pela teoria fundamentada.

Além disso, quaisquer dados empíricos ou conclusões científicas reflectirão sempre *parte* da realidade, nunca a sua totalidade. Assim, e por ser necessário questionar de forma constante o conhecimento dos factos, quaisquer conclusões retiradas serão sempre inconclusivas, num princípio de falibilidade e de incerteza. A “posição falibilista é que podemos ter conhecimento sem termos razões

conclusivas” (O’Brien, 2013: 43). Estamos, pois, cientes da impossibilidade da totalidade do conhecimento (Morin, 2008) mas consideramos que, ao estudarmos parte do todo, nos será possível adquirir conhecimento fundamental acerca deste – quer se encontre ou não num sentido de confirmação da teoria apresentada.

Dito isto, cabe-nos agora tecer algumas considerações acerca da metodologia do nosso processo de investigação. Tendo em vista que os medos sociais possuem um carácter difuso, interessa-nos explorar em que se consubstanciam estes medos – que medos são estes, afinal? –, assim como as representações individuais sobre as suas causas.

Como referido introdutoriamente, o medo é uma emoção dificilmente assumida e exteriorizada por parte dos indivíduos. Por este motivo, e como forma de estudar quadros de representação – *sentimentos e percepções* – acerca do medo, optámos por aplicar questões por escrito e com respostas abertas, por considerarmos que esta seria uma forma de dar confiança aos entrevistados na abertura ao tema e na expressão das suas ideias. Questionários com respostas abertas possibilitam que os sujeitos que se expressem de forma livre e espontânea, permitindo ao investigador uma maior compreensão sobre a variabilidade e as nuances em torno do tema³.

Com isto, a nossa investigação assume um carácter qualitativo: “A composição de um roteiro com questões abertas, sem a delimitação de respostas através de perguntas fechadas ou do tipo diferencial semântico, já proporciona um dado que se adequa à análise qualitativa” (Alves e Silva, 1992: 64).

Foram então realizados 77 questionários com o intuito de explorar duas dimensões: uma no âmbito do sentimento – os medos sentidos pelos indivíduos – e a outra no âmbito da percepção/cognição do fenómeno em causa – as opiniões sobre o fenómeno.

Este é um estudo exploratório com o intuito de visualizar a variabilidade das respostas em torno do tema. Por isso, com as respostas obtidas sobre os *sentimentos*, criámos onze categorias de resposta, que posteriormente analisámos de forma interpretativa. No que toca às *percepções*, ao invés de criarmos categorias, optámos por apresentar e interpretar os excertos que se apresentaram mais fundamentados.

Relativamente às questões das entrevistas propriamente ditas, foi pedido aos entrevistados que reflectissem e indicassem os seus dez maiores medos. Depois, foi-lhes pedido que reflectissem acerca do tema do medo, assim como sobre os motivos da sua existência numa sociedade.

Uma vez que este é um estudo exploratório sobre os medos sociais dos portugueses, o foco da nossa interpretação será sobre a história e cultura portuguesas. No futuro, seria interessante trabalhar esta mesma questão a partir de um ponto de vista estruturalista, tentando compreender como a posição nos grupos sociais – socioeconómicos, de género, etc. – pode influenciar os medos que são sentidos.

Por último gostaríamos de referir que, no estudo de caso realizado, é interessante verificar como os medos se apresentam tão uniformes entre os entrevistados dos vários escalões etários.

³ Retirado de <https://sondagenseestudosdeopiniaio.wordpress.com/questionarios/tipo-de-respostas/>

5. Caracterização da população

Como forma de caracterizar a nossa amostra, no que diz respeito à idade agrupamo-la em oito categorias: com 19 ou menos anos, entre os 20 e os 24 anos, entre os 25 e os 29 anos, entre os 30 e os 35 anos, entre os 36 e os 39 anos, entre os 40 e os 49 anos, entre os 50 e os 64 anos e, por último com 65 ou mais anos. Numa segunda etapa, agrupamos estas idades em quatro novas categorias, por fases da vida: com 24 ou menos anos – idade adolescente/jovem –, entre os 25 e os 35 anos – idade jovem adulta –, entre os 36 e os 64 anos – idade adulta – e, por último, com 65 anos ou mais – terceira idade. Observem-se os Quadros 1 e 2.

Quadro 1. Sexo e idade dos entrevistados

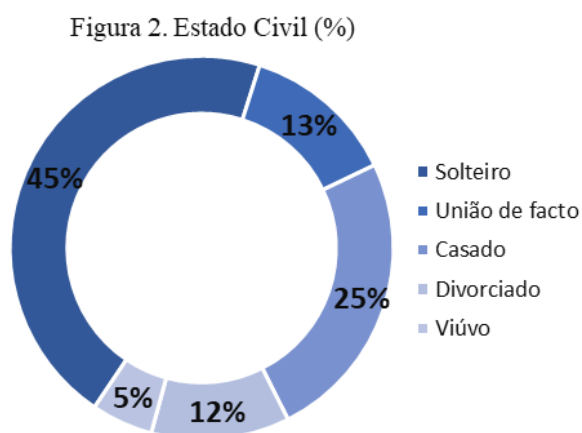
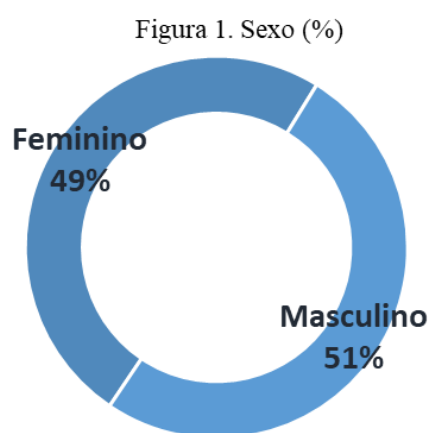
Idade	Sexo	Frequência absoluta do escalão etário por sexo	Frequência absoluta do escalão etário	%	Frequência absoluta das fases da vida		%
≤ 19	Feminino	5	9	12%	≤ 24	18	23%
	Masculino	4					
20 – 24	Feminino	4	9	12%			
	Masculino	5					
25 – 29	Feminino	5	10	13%	25 – 35	19	25%
	Masculino	5					
30 – 35	Feminino	4	9	12%			
	Masculino	5					
36 – 39	Feminino	4	8	10%	36 – 64	24	31%
	Masculino	4					
40 – 49	Feminino	4	7	9%			
	Masculino	3					
50 – 64	Feminino	5	9	12%			
	Masculino	4					
≥ 65	Feminino	8	16	20%	≥ 65	16	21%
	Masculino	8					
Total		77		100%	77	100%	

Quadro 2. Sexo por fases da vida

Frequência absoluta das fases da vida por sexo			%
≤ 24	Feminino	9	12%
	Masculino	9	12%
25 – 35	Feminino	9	12%
	Masculino	10	13%
36 – 64	Feminino	13	17%
	Masculino	11	14%
≥ 65	Feminino	8	10%
	Masculino	8	10%
Total		77	100%

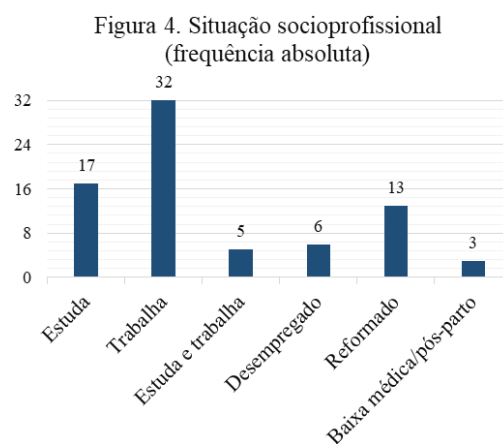
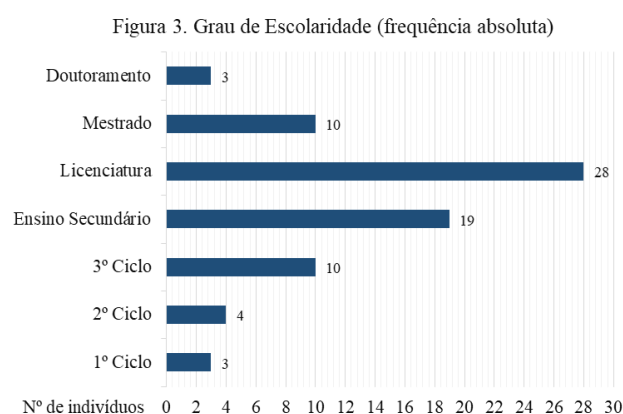
Como é possível observar, procurámos manter o princípio da homogeneidade entre os vários escalões etários, de forma a termos uma distribuição equilibrada. Assim, e no que concerne às fases da vida, na categoria adolescente/jovem (≤ 24) foram entrevistadas 9 mulheres e 9 homens; na categoria jovem adulto (dos 25 aos 35 anos) foram entrevistadas 9 mulheres e 10 homens; na idade adulta (dos 40 aos 64 anos) foram entrevistadas 13 mulheres e 11 homens e, por último, na terceira idade (≥ 65) 8 mulheres e 8 homens.

Abaixo apresentamos dados correspondentes ao sexo – 49% do sexo feminino e 51% do sexo masculino –, estado civil e, mais abaixo, sobre o grau de escolaridade e situação socioprofissional. No que diz respeito ao estado civil, a maioria dos indivíduos é solteiro (45%), seguindo-se a categoria casado (25%), união de facto (13%), divorciado (12%) e, por último, viúvo (5%).



Relativamente ao grau de escolaridade, a maioria dos inquiridos possui Licenciatura (28 indivíduos), seguindo-se o Ensino Secundário com 19 indivíduos, o Mestrado e o 3º Ciclo com 10, o 2º Ciclo com 4 indivíduos e, por último, o Doutoramento e o 1º Ciclo com 3 indivíduos.

Quanto à situação socioprofissional, a maioria dos indivíduos trabalha – 32 indivíduos –, 17 encontram-se a estudar, 13 estão na reforma, 6 estão desempregados, 5 estudam e trabalham ao mesmo tempo e 3 encontram-se em situação de baixa médica ou pós-parto.



CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS

6. Medos sociais, categorias e tendências: apresentação de dados

Após análise das respostas dos 77 indivíduos sobre os seus maiores dez medos, foi-nos possível criar categorias de resposta. Foi interessante verificar que, apesar de alguma variabilidade, as respostas dos entrevistados vão todas num mesmo sentido, independentemente da idade, sexo ou outras variáveis de caracterização. As categorias criadas foram, então, as seguintes:

Quadro 3. Categorias de análise dos medos sociais

NOME DA CATEGORIA	DIMENSÕES DA CATEGORIA	DESCRIÇÃO DA CATEGORIA
FALHAR	<ul style="list-style-type: none">• AUTO-ESTIMA• SUCESSO• DESEMPENHO• PERFORMANCE	MEDOS RELACIONADOS COM O DESEMPENHO. MEDO DE FALHAR (pessoalmente, academicamente, profissionalmente, familiarmente)
FUTURO	<ul style="list-style-type: none">• ECONOMIA• FUTURO• CONDIÇÕES DE VIDA• INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA	MEDOS RELACIONADOS COM O FUTURO (condições de vida, independência e autonomia – económica, mental, física, etc.)
RELAÇÕES SOCIAIS	<ul style="list-style-type: none">• RELAÇÕES INTERPESSOAIS;• INCLUSÃO SOCIAL;• ACEITAÇÃO;• PARES• IMAGEM	MEDOS RELACIONADOS COM A SOCIEDADE E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS (medo de não ser socialmente aceite, de conhecer pessoas, de falar em público, da imagem, etc.)
MORTE, DOENÇA	<ul style="list-style-type: none">• INFORTÚNIOS;• VIDA HUMANA• PROBLEMAS DE SAÚDE;• DESGOSTOS;• SOFRIMENTO	MEDOS RELACIONADOS COM A VIDA E A SAÚDE (morte, perda, doença, acidentes, amputações, ficar fisicamente ou mentalmente debilitado)
CRIME	<ul style="list-style-type: none">• INTEGRIDADE FÍSICA E PSICOLÓGICA DOS INDIVÍDUOS	MEDOS RELACIONADOS COM CRIMES DE RUA (violações, assaltos, assassínios, agressões)
GUERRA, TERRORISMO	<ul style="list-style-type: none">• VIDA HUMANA• POPULAÇÃO• VIOLÊNCIA	MEDOS RELACIONADOS COM DESASTRES NÃO NATURAIS CAUSADOS PELA MÃO HUMANA (guerras, atentados, ataques nucleares)
ECOLOGIA, AMBIENTE	<ul style="list-style-type: none">• CATÁSTROFES• VIDA HUMANA• SUSTENTABILIDADE• PLANETA TERRA	MEDOS RELACIONADOS COM O AMBIENTE OU DESASTRES NATURAIS (Desastres ambientais, recursos naturais, sustentabilidade)
DESUMANIDADE	<ul style="list-style-type: none">• CRUELDADE• MALDADE HUMANA• ABUSO DE PODER• HUMANISMO	MEDOS RELACIONADOS COM A MALDADE HUMANA
INFELICIDADE	<ul style="list-style-type: none">• BEM-ESTAR• SAÚDE MENTAL• CONCRETIZAÇÃO DE SONHOS	MEDOS RELACIONADOS COM A FELICIDADE (Medo de não ser feliz, não realizar desejos ou sonhos)
INCONSCIÊNCIA SOCIAL	<ul style="list-style-type: none">• CONSCIÊNCIA SOCIAL• REFLEXÃO• CIDADANIA• FORMAÇÃO PESSOAL• DEFESA DE DIREITOS	MEDOS RELACIONADOS COM A FALTA DE CONSCIÊNCIA SOCIAL (Medos político-partidários, ignorância, indiferença, alienação)
FOBIAS	<ul style="list-style-type: none">• FOBIAS ESPECÍFICAS• TRAUMAS	MEDOS PSICOLÓGICOS E INDIVIDUAIS

A categoria “falhar” engloba medos relacionados com o desempenho, isto é, medo de falhar para com a família ou pessoas amadas, na profissão, nos estudos ou simplesmente medo de não atingir objectivos pessoais.

O “futuro” é uma categoria que trata essencialmente as condições de vida. Neste sentido, a categoria inclui não só medos relacionados com a dependência financeira, a instabilidade profissional e o desemprego – seja o seu próprio, seja dos filhos (quando aplicado) – como medos relacionados com uma possível futura necessidade de dependência ao nível da saúde e medo da solidão devido à ausência de apoios sociais. Em ambos os casos estão em causa condições de vida, quer financeiras quer de saúde – mental ou física.

Na categoria “relações sociais” estão englobados medos designados pela psicologia como “ansiedade social”, ou outras inseguranças do foro das relações interpessoais. Aqui, estão incluídos medos como os de não ser aceite, de ser rejeitado, de falar em público, de ser julgado, de conhecer ou travar amizade com outras pessoas, assim como medos relacionados com a imagem, a infidelidade ou ainda com a solidão a nível amoroso.

Em “morte, doença”, encontram-se medos relacionados com a morte – própria ou de entes queridos –, doenças – graves e prolongadas, que impeçam os indivíduos de ter vitalidade –, amputações, acidentes, entre outros.

Quanto à categoria “crime”, referimo-nos essencialmente aos crimes de rua. Aqui, estão incluídos assaltos, agressões, violações, assassínios, em suma, eventos que tenham impacto sobre a integridade física ou psicológica dos indivíduos.

Depois, em “guerra, terrorismo” são referidas questões como os atentados terroristas, as guerras, os ataques nucleares e ainda o “mau uso” da tecnologia para fins “nefastos”.

Quanto à categoria “ecologia e ambiente” encontram-se essencialmente preocupações de carácter ambiental – sustentabilidade e o fim dos recursos no Planeta Terra. Mas agrupamos também aqui preocupações relacionadas com desastres ambientais, por ser muitas vezes referenciada a sua relação com a má acção da “mão humana”.

A categoria “desumanidade” engloba medos relacionados com a maldade humana, o abuso de poder, enfim, a ausência de «humanismo». O futuro da humanidade é aqui referido como estando sob ameaça devido à injustiça e à intolerância, à ganância humana, ao desejo de poder, à falta de amor nas relações humanas e às atitudes de oportunismo e de atitudes em benefício pessoal.

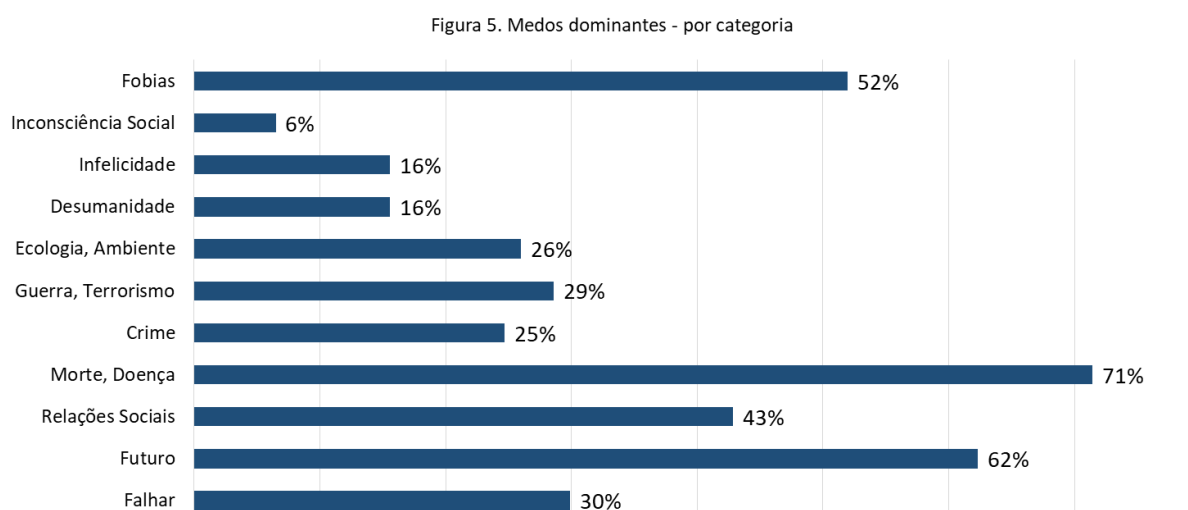
No que toca à “infelicidade” são-nos apresentadas preocupações que se relacionam com o medo de não ser feliz, com estrita relação com o trabalho. O “medo de ser adulto e viver para trabalhar e sobreviver e não para ser feliz” é uma das preocupações mais veementes. Estas preocupações têm relação com o futuro, no entanto optámos por realizar esta distinção dado que se relacionam com um elemento de carácter emocional, de gratificação e felicidade.

No que toca à “inconsciência social”, são mencionados medos relativos à ignorância e à indiferença da população. As respostas desta categoria são diversas, variando entre questões políticas e

partidários, passando pelo conformismo no trabalho, a inconsciência histórica, a formação pessoal e cidadania, a apatia social, o activismo.

Por último, as “fobias”. Nesta categoria apresentamos fobias várias, que tendem a estar relacionadas com traumas ou outros de carácter psicológico. Aqui, são-nos relatados medos como o medo do mar, de alturas, de aranhas, de ir ao dentista, do desconhecido, do escuro, entre outros.

Numa análise estatística – veja-se a figura 5 –, a maioria dos entrevistados possui medo da morte e de doenças (71%), seguindo-se a categoria do medo do futuro (62%), as fobias (52%), as relações sociais (43%) e falhar (30%). Depois, seguem-se ainda as categorias “guerra, terrorismo”, “ecologia, ambiente” e “crime”, com 29, 26 e 25 pontos percentuais, respectivamente. As categorias que apresentam valores mais baixos são o medo da “desumanidade” (16%), da “infelicidade” (16%) e da “inconsciência social” (6%).



De lembrar que os questionários tinham perguntas de resposta aberta. Assim, se tivesse sido directamente questionado se os indivíduos possuem, por exemplo, medo da morte, as respostas seriam diferentes – tendendo provavelmente a ser mais elevadas. Isto porque acontece, por exemplo, indivíduos que afirmam ter medo de terremotos, tsunamis ou outro tipo de acontecimento catastrófico, não referirem o medo da morte. As estatísticas acima apresentadas servem apenas como referência das *tendências* dos medos mais e menos sentidos, não podendo ser esquecido que foram apurados sob forma de prospecção indutiva. Ainda assim, estes valores parecem ser significativos e representativos.

7. Medos sociais: análise e interpretação de resultados

7.1. O medo social de falhar

O medo de falhar é social no sentido em que a sociedade, a cultura portuguesa, as *pessoas* não possuem uma estrutura de incentivo à confiança nem uma psicologia social construtiva. O «erro» parece ser socialmente percebido como «falha» e o «sucesso» é visto como antagónico ao erro. Errar e assumir o erro constitui-se importante, no sentido em que a *responsabilização* pela acção própria é o primeiro passo para o desenvolvimento de maturidade e confiança.

O medo, filogeneticamente impregnado na sociedade portuguesa desde a época do fascismo, é o “medo de inscrever, de existir, de afrontar as forças do mundo desencadeando as suas próprias forças de vida. Medo de agir, de tomar decisões diferentes da norma vigente, medo de amar, de criar, de viver. Medo de arriscar” (Gil, 2012: 69). Nas idades mais jovens existe alguma referência ao medo de falhar académica/escolarmente, profissionalmente, assim como de decepcionar aos pais ou o parceiro. Os seguintes excertos ilustram esta ideia:

“Tenho medo de não conseguir concluir a escola com boas notas para no futuro ir para a faculdade e arranjar um emprego bom para ter uma vida bem-sucedida. Penso que se não conseguir ter bons resultados desiludo os meus pais que sempre lutaram tanto para terem as coisas. Medo de não fazer a escolha certa.” (feminino, 18 anos).

“Medo de falhar com a minha mãe. Um dos meus maiores objectivos é que a minha mãe possa ver que eu consegui vencer na vida (casa, família e trabalho)” (masculino, 22 anos).

“Na minha situação corrente diria que o meu principal medo é não corresponder às expectativas num ambiente profissional. Eu tenho ambição de tornar-me bom naquilo que faço e quero aprender o máximo possível nesta fase da minha vida para no futuro ser um bom engenheiro. Por outro lado, existe o receio (que as pessoas mais próximas de mim dizem que é falta de confiança em mim) de falhar como engenheiro o que iria dar origem em mais insegurança em mim, assim como o medo de desapontar a minha família e namorada (25 anos, masculino).

Existe também uma preocupação generalizada em falhar na relação com os outros:

“Por ser uma pessoa insegura o medo de falhar é constante, não ser o que as outras pessoas esperam que eu seja deixa-me triste e em baixo. Tento agradar de todas as maneiras, mas fica sempre a sensação que não era o esperado” (feminino, 27 anos).

“O meu medo mais antigo e sempre presente é o de falhar, desiludir os outros. Maioritariamente o de falhar perante os outros não correspondendo às suas expectativas, devido a uma auto-responsabilização exacerbada, por um lado, e a um perfeccionismo exagerado” (feminino, 50 anos).

De acordo com as respostas que nos foram dadas, o medo de falhar parece possuir dois níveis. De um lado, o pessoal, o escolar e o profissional parecem estar associados ao “medo do futuro”, já que os indivíduos têm a percepção de que poderão não ter uma vida bem-sucedida. Existe, no entanto, o medo de falhar familiarmente ou com pessoas de quem se gosta, que parece estar mais associado à categoria das “relações sociais”. Apesar disso, os indivíduos fazem grande referência ao medo de falhar *per si* que parece estar, acima de tudo, associado a uma insegurança estrutural.

7.2. Medos sociais relacionados com o futuro

Esta categoria encontra-se predominantemente relacionada com o medo do desemprego, da falta de condições de vida e da dependência face aos outros, quer economicamente quer ao nível da saúde.

Falar de emprego é falar de cidadania e de inclusão social. O Homem, enquanto animal político, é detentor de um conjunto de direitos e deveres normativamente inscritos nas estruturas sociais e explicitamente consagrados em documentos que expressam os grandes consensos que fundam os compromissos entre membros de uma sociedade. Entre esses direitos e deveres estão incluídos naturalmente os cívicos básicos – liberdade de expressão, reunião e associação, direito à escolha dos representantes e dos governantes, direito à privacidade e à livre escolha das pessoas com quem se quer partilhar a vida, entre muitos outros –, mas também direitos e deveres sociais e culturais ao trabalho e ao rendimento autónomo, à educação e à cultura, à habitação, ao acesso a cuidados de saúde, à posse de uma identidade positiva, à protecção social e cívica, à participação social e à pertença a grupos (Capucha, 1998: 211).

Além disso, o desemprego é uma questão inconstitucional pois o direito ao trabalho, presente na Constituição da República Portuguesa (Artigo 58.º), é um direito fundamental de todos os cidadãos. Impedir tal direito representa o não consentimento da Constituição, da independência individual, do rendimento autónomo, colocando o indivíduo numa posição de subordinação. Esta questão põe também em causa os níveis de integração na sociedade uma vez que este é um exercício de cidadania (Capucha, 1998) que, ao não ser cumprido, tende a conduzir os indivíduos a uma posição de exclusão social. A situação de desemprego prolongada é propícia:

À criação de situações de risco, podendo conduzir a ciclos viciosos de exclusão social, particularmente nos segmentos mais vulneráveis da sociedade, pois a inclusão dos indivíduos na sociedade depende também da posição que os mesmos possuem relativamente ao domínio económico, quer no que concerne aos sistemas geradores de rendimentos – que para a maioria das famílias é o mercado de trabalho –, quer no que toca à capacidade de aquisição de bens e serviços (Medina, 2017: 60).

A sociedade moderna constitui-se sobre o trabalho, sendo esta uma das bases mais importantes do sistema social. O trabalho constitui também a ocupação da maior parte do tempo socializado, sendo este ainda outro dos motivos que leva os indivíduos desempregados à exclusão social. O trabalho “é a forma maior de organização do tempo social e a relação social dominante”, estruturando “por inteiro não só a nossa relação com o mundo, mas também as nossas relações sociais” (Méda, 1999: 31).

É ainda necessário referir que o desemprego estrutural é intencionalmente criado com o intuito de colocar parte da população activa permanentemente desempregada – nas palavras de Karl Marx (1990), o «exército industrial de reserva» –, sujeitando os indivíduos a condições de trabalho precárias e contractos de trabalho instáveis. Tudo isto fornece as condições necessárias para a existência de um medo social relacionado com as condições de vida, com o desemprego, com a dependência face aos outros, com o futuro. Iremos agora apresentar alguns testemunhos que fundamentam estas ideias.

Nos discursos dos entrevistados pode observar-se medo que a (sua) situação de emprego não se torne estável, medo de depender financeiramente da família por muito tempo, medo de ficar desempregado.

“Tenho medo do desemprego, porque já tenho 27 anos (já não sou propriamente novo a nível laboral), estou a tentar constituir uma família com a minha namorada e preocupa-me o facto de ficar desempregado” (masculino, 27 anos).

“Tenho medo de ficar desempregado depois dos 40 com dificuldade de reentrar no mercado de trabalho. Sentimento de impotência, de não ser capaz de fazer parte da sociedade e de não ser possível sustentar-me e à minha família; cair na pobreza” (masculino, 36 anos).

Com o desemprego vem o medo de depender financeiramente de familiares, uma vez que põe em causa a independência individual. Alguns entrevistados afirmam sentir falta de apoio psicológico e moral por parte da família, motivo que aumenta a sua preocupação relativamente a esta questão:

“Tenho receio de permanecer grande parte da minha vida sem estabilidade profissional e financeira, especialmente porque não quero nem consigo depender financeiramente de outra(s) pessoa(s). Não diria que este seja um medo que me impede de fazer a minha vida, mas normalmente sinto que por vezes em confrontos familiares se torna desmotivador. Penso que essa situação se deve muito pelo facto de não me ter sentido apoiado em diversas situações escolares e profissionais ao longo do meu crescimento e de me ter sido atirado muitas vezes à cara que nada me pertencia era tudo "dado" então sempre detestei aceitar as coisas dessa maneira. Então procuro sempre ser auto-sustentável para ter as minhas coisas, os meus móveis, a minha roupa, o meu shampoo sei lá, tudo aquilo que eu uso, aquilo que consumo, aquilo que eu faço é meu, pago por mim, realizado pela minha independência” (masculino, 25 anos).

Numa outra óptica, esta é uma situação também angustiante para os pais que, “depois de tantos anos de estudo, e após um curso universitário, os seus filhos não conseguem encontrar trabalho que lhes permita desenvolver o seu projecto de vida e caminhar no sentido da sua autonomia” (Dias, 2007). E, ainda, angustiante para os avós, que acabam por ter um duplo motivo de preocupação: os filhos e os netos. Este medo é, pois, um medo intergeracional – e um dos mais sentidos.

“A incerteza, receio, medo, dos meus filhos não conseguirem estabilizar a sua vida profissional, com o fantasma do desemprego sempre presente, o qual afectou durante alguns anos a minha filha (mais velha) quando foi despedida de uma rádio onde trabalhou como produtora de programas” (masculino, 65 anos).

“Medo que os filhos e netos não tenham saúde nem um emprego estável” (feminino, 69 anos).

As políticas de emprego encontram-se muitas vezes sem salvaguarda de estabilidade profissional, até mesmo quando os indivíduos têm já mais de 20 anos de carreira e procuram a efectividade. O medo, por exemplo, “dos professores do ensino secundário pelo desconhecimento do que lhes vai acontecer na sua colocação profissional todos os anos é algo dramático. Esta insegurança anual parece ser e actuar como cordão umbilical de dependência dos indivíduos à máquina do Estado” (Dias, 2007: 89). Os

seguintes excertos são testemunhos de professores que, com vários anos de carreira se vêm ou viram ameaçados de alguma forma:

“Ao longo da minha vida tive medo de não conseguir continuar no ensino, de não conseguir colocação, dado que tinha de concorrer todos os anos e não sabia qual ia ser a minha situação profissional, se ficaria ou não colocada. O medo do desemprego foi uma constante ao longo de 20 anos até conseguir ficar efectiva no quadro de uma escola, que ainda assim era a 300km da minha residência. Só passado 5 anos consegui um lugar de efectiva perto de casa. Foram 25 anos de trabalho com um aperto no coração” (feminino, 59 anos).

Ainda no que diz respeito a esta categoria socioprofissional, temos o seguinte testemunho:

“Medo de perder o emprego. Até alguns anos atrás, o funcionalismo público tinha como quase certeza um futuro estável de empregabilidade. De há uns anos a esta parte, essa situação inverteu-se e, há seis anos atrás, fiquei com o meu lugar de professor em risco por uma diminuição drástica de alunos no sistema de ensino. Isto implicou perda de turmas na escola e eu, sendo o mais novo no meu grupo disciplinar, tive que concorrer. Depois de vinte e três anos de profissão, um homem adulto de quarenta e tal anos ter a percepção da vulnerabilidade profissional, provoca sentimentos de revolta, insegurança e, obviamente, medo” (masculino, 50 anos).

Porém, o medo do futuro não se encontra exclusivamente associado ao desemprego. Existe, entre os entrevistados, muito medo de depender física ou mentalmente de outrem (que está também associado à categoria do “medo da doença”) – assim como medo da solidão. Estes medos estão relacionados com a ausência de mecanismos públicos de protecção social e de saúde, que impossibilitam que os indivíduos tenham confiança face às suas condições de vida no futuro, em particular ao nível da saúde e de um acompanhamento psicológico. Ao contrário do que esperávamos, este medo não é exclusivo da terceira idade e sim um medo que percorre os mais variados escalões etários.

“Tenho medo de perder as capacidades físicas e/ou mentais, deixar de ser a pessoa autónoma e independente que sou, passar a depender dos cuidados de outras pessoas, perder a liberdade. A perda de capacidades físicas coloca as pessoas sentadas numa cadeira. Penso também que este medo existe porque no nosso país não existem estruturas para que as pessoas idosas possam continuar a ser pessoas activas. No nosso país é necessário ter dinheiro para comprar “a saúde e o bem-estar”. Por isso tenho medo de, de um dia para o outro, a idade retirar-me aquilo que tenho: a força para viver autónoma, independente e livre” (feminino, 59 anos).

“Os poucos medos que resistem é o de ficar inválido ou depender de alguém física e financeiramente (por doença, situação financeira, situação profissional)” (masculino, 41 anos).

“Sinto medo de ficar sem consciência de quem sou... por exemplo, de ficar com Alzheimer e perder toda a noção da realidade. São efectivamente coisas que não controlamos e podem acontecer a qualquer pessoa. A ideia de ficar dependente de alguém e de perder faculdades fulcrais assusta-me um bocado e perturba-me porque sei que irá mexer com aqueles que me rodeiam e gostam de mim” (feminino, 37 anos).

“Tenho medo que me surja uma doença incurável, o sofrimento que me pode causar mas também a sobrecarga que poderá ser para os familiares” (feminino, 65 anos).

A solidão está também associada à falta de mecanismos de protecção social e à exclusão social inicialmente referida. A emoção não é prisioneira da «interioridade do indivíduo», não se restringe à dimensão pessoal e individual do ser humano; ela é social, política e moral (Dias, 2007). Por isso, a solidão é também ela uma questão social: porque é socialmente sentida e partilhada. Assim, desempregados, reformados, idosos, doentes são as camadas sociais mais vulneráveis a este sentimento, no entanto, este é um medo de muitos entrevistados que não se inserem nestas categorias.

“Tenho medo da solidão, não gosto nada de estar sozinha em casa, gosto de ter sempre a companhia de alguém perto de mim, (...) acho que não conseguia viver sozinha, mesmo que tivesse um animal” (feminino, 24 anos).

“Tenho medo da solidão. Sinto que não tenho perfil para ficar sozinha. A ideia de não ter quem me socorra num momento de necessidade, também me assusta” (feminino, 37 anos).

“Medo da solidão e da necessidade de apoio” (feminino, 65 anos).

Os indivíduos demonstram também preocupação face àqueles que se encontram na sua dependência. Existe, pois, medo de não conseguir dar apoio a familiares que se encontrem em tal posição. Mais uma vez, estas preocupações demonstram a ausência de mecanismos de protecção social, fazendo com que os indivíduos se responsabilizem por uma situação que é de responsabilidade Estatal.

“Tenho medo do futuro do meu filho, devido ao problema com que nasceu [Síndrome de Down]. Tenho medo que não venha a ser autónomo ou que o maltratem e ele não saiba defender-se” (feminino, 37 anos).

“Tenho medo de doença de marido à qual não possa dar apoio (feminino, 65 anos).

Por último, existe quem afirme que preferiria morrer do que depender de alguém por invalidez:

“Tenho medo de uma doença que me deixe inválido sem me poder mexer; preferia então morrer. Não me ia sentir mais um ser prestável e só ia dar trabalho aos outros; não ia ser ninguém” (masculino, 53 anos).

7.3. Medos nas relações sociais

Os medos presentes nesta categoria – medo de não ser socialmente aceite, da rejeição, de falar em público, de ser julgado, de conhecer ou travar amizade com outras pessoas, da imagem, da infidelidade ou ainda da solidão a nível amoroso – parecem estar associados a questões de ordem psicológica – formação de personalidade e auto-estima – mas também social e cultural. Destacamos um excerto de José Gil que nos fornece um contributo para a análise dos testemunhos que se seguem.

“O esmagamento a que os portugueses foram sujeitos durante o salazarismo manifesta aqui um dos seus efeitos. Ninguém se julga capaz, toda a gente se sente inferior à norma ideal de competência. O que não deixa de ser, em inúmeros casos, real, mas que contribui também para que a incompetência aumente por falta de audácia, de coragem, de capacidade para se reconhecer o que

se é. Aqui o medo desdobra-se e age, imaginariamente, transformando-se em temor de ser apontado publicamente como incompetente. Esconde-se, criando um ecrã onde se dá continuidade aos velhos expedientes, próprios da sociedade autoritária, para parecer o que não é. A maioria dos esforços vão no sentido de *manter* essa máscara em vez de investir no desenvolvimento da inovação. Trata-se afinal, sempre, de relações de poder, como diria Foucault. O medo é o medo do poder, mas também da impotência própria diante do poder. Medo de não saber e de ser desmascarado. Medo de ter medo. Medo de parecer ter medo, de parecer fraco, incapaz, ignorante, medíocre” (Gil, 2012: 69-70).

Assumir-se a si próprio é, pois, o primeiro passo para este progresso de que nos fala José Gil. É importante que os indivíduos não tenham medo de parecer ignorantes, não tenham medo de mostrar que não sabem, pois isso é o que contribui para a perpetuação da situação.

Sendo esta uma questão estrutural e estruturante, os medos relacionados com as relações sociais tornam-se ainda mais difíceis de superar, pois o “político-social-moral-psicologicamente correcto impõe regras de comportamento, interioriza interditos, autocensura o indivíduo” (Gil, 2012: 70), paralisando, entretendo os processos criativos necessários “à novidade, à inovação e ao risco, factores fundamentais à estética, à ética, à técnica, à ciência e à felicidade e bem-estar” (Dias, 2007: 11). “O medo de «não estar à altura» impera, arruinando as potencialidades criativas; medo que implica e arrasta outros, como o de ser avaliado, de ser julgado, de «ir a exame» (Gil, 2012: 70). Vejamos os seguintes testemunhos:

“Medo do julgamento dos outros” (feminino, 32 anos).

“Tenho medo de falar em público. (...) Receio que as pessoas se riam de mim e que falem mal, pois acho que não sei falar muito bem. (...) Fico sempre nervosa em ambientes com muitas pessoas que eu não conheço, tenho receio de errar e dizer o que não devo” (feminino, 32 anos).

“Medo de assumir publicamente as ideias (no caso pessoal, analisado no local de trabalho) e nas conversas com outras pessoas (fora do ambiente laboral)” (masculino, 57 anos).

“Outro medo com que me deparo frequentemente, este é mais pessoal e está mais presente no meu dia-a-dia (...). Tenho medo em não ser bom o suficiente para falar com as pessoas e isso impede-me de ser mais sociável e natural nas conversas e abordagens sociais. Duvido muito da minha aparência e das minhas capacidades e isso faz-me ter receio da rejeição. Tenho medo de ser ignorado/rejeitado e isso faz com que me feche muito” (masculino, 25 anos).

O medo de falar em público e do julgamento dos outros paralisa por vezes os indivíduos de tal forma que impede o seu sucesso e a sua vida a um nível crítico. Estes “sofrem (...) qualquer coisa como uma desvalorização do seu ser, de uma falta ontológica que faz com que estejam convencidos, no seu foro mais íntimo, de que «não estão à altura», de que são inferiores aos outros” (Gil, 2012: 71-72). Gera-se, pois, uma “desafecção, uma alienação entre nós mesmos e o que fazemos ou criamos. Esquecemo-nos de que o todo social nada mais é do que uma síntese complexa e dialéctica dos contributos de todos nós para aquilo que chamamos Sociedade” (Dias, 2007: 11).

“Sempre me disse a mim própria que não iria fazer uma tese, porquê? Porque acho que não sou capaz de o fazer (uma coisa tão importante que vai ser lida por júris e por muitos professores da

faculdade faz-me ficar logo ansiosa). (...) Acho que não sou capaz de falar em público e apresentar uma tese para pessoas que se julgam saber mais que todos os outros. Na minha licenciatura tinha imensa dificuldade em apresentar trabalhos orais, quando eram trabalhos de grupo de 3 ou mais, ficava menos nervosa, mas mesmo assim, a sensação de ter todas as pessoas a olhar para mim é sufocante” (feminino, 24 anos).

“Um medo que apesar de não me aperceber, o tenho desde o início da minha adolescência. O medo de não ser aceite pela sociedade. (...) comecei a ligar mais para o que as pessoas dizem de mim, a maneira que me olham. Eu lembro-me que eu no início do meu 7º ano detestava entrar na escola sozinha, sem nenhum colega meu por perto porque tinha medo que as pessoas fossem falar de mim ou ser rudes comigo e acho que isso também tem um pouco a ver com a minha insegurança” (feminino, 17 anos).

“Medo de me expor, medo de falar, de não saber o que dizer, de ser mal interpretado ou recebido, medo de falar em público, falar com pessoas que não conheço/ não tenho confiança, ser rejeitado, ser avaliado/ julgado, cair no ridículo, ser humilhado/sentir-me humilhado, o que torna mais difícil conhecer novas pessoas e manter relações, influencia a minha vida diária, por vezes faz-me evitar situações sociais, locais, eventos, etc. e leva a uma ansiedade que pode ser pouco funcional por exemplo no trabalho” (masculino, 23 anos).

O medo do julgamento é, pois, o medo de se sentir inferior, de ser criticado, avaliado negativamente. “A ansiedade social está intimamente relacionada com o desejo de querermos causar boa impressão junto de alguém e pensarmos não poder consegui-lo” (Dias, 2007: 110). Alguns indivíduos afirmam perda de raciocínio resultante do medo de falar em público:

“A nível de alterações fisiológicas como tremores, suores frios, confusão mental experiencio-as em qualquer situação na qual tenha de me expor publicamente, como uma apresentação de um trabalho perante os meus colegas e professores. (...) Nas situações de estágio e apresentações orais na faculdade comecei a ter espasmos e perco o raciocínio muitas vezes, esquecimento de palavras e por aí fora. Qualquer situação social, antes não o sentia com pessoas próximas, mas agora comecei a sentir, dou por mim sem saber como agir nessas situações, sobre o que falar, o que dizer, de que forma reagir ao que me tentam transmitir, posso descrevê-lo como uma sensação de inadequação crescente, o que não transparece, porque todos me consideram uma paz de alma, tranquila e algo confiante dentro do que é a minha natureza, ou dentro do que as pessoas consideram ser a minha natureza” (feminino, 27 anos).

“Medo pessoal de falar em público. Apesar de algumas vezes ser necessário, assusta-me sempre o acto de falar em público, de me faltarem as palavras e perda de raciocínio no decorrer da verbalização” (masculino, 36 anos).

O medo é, pois, individualmente sentido. Cada um pensa-se individualmente com medo, o que se manifesta em expressões como “a minha insegurança”, um medo que é “mais pessoal” ou “acho que não sei falar muito bem”. Na verdade, não se trata (apenas) de não saber falar bem e sim de não ter a confiança que, como vimos, permite arriscar sem medo de errar. Esta pode ser uma expressão do *individualismo* que, ao aliar-se à “norma ideal de competência” da anterior sociedade autoritária –

reforçamos que abolida apenas há 43 anos da sociedade portuguesa – contribui para esta percepção de incapacidade individual.

Por último, apresentamos mais alguns excertos que ilustram o medo de conhecer pessoas novas, o medo da rejeição a nível amoroso ou de “acabar sozinho”, o medo da traição, o medo da aparência. Consideramos que todos estes medos podem estar relacionados com a «falta de confiança existencial» que predomina no povo português. É, pois, essencial e necessário desenvolver mecanismos sociais que permitam aos indivíduos ter mais confiança em si, para que possam «afrontar as forças do mundo» sem «medo de amar» nem de «arriscar» – em suma, para que possam *ser* e *viver* sem medo.

“Tenho receio de conhecer pessoas novas, pois normalmente fazem julgamentos antes de conhecer as pessoas” (masculino, 25 anos).

“Tenho medo de ser rejeitado, dizer a uma pessoa o quanto eu gosto dela e que ela e rejeite ou pior, se mostre indiferente. No fundo prefiro ser rejeitado, a que se mostrem indiferentes aos meus sentimentos, prefiro que me digam “não gosto de ti” ou “desaparece” a que não me digam nada” (masculino, 19 anos).

“Tenho algum medo de acabar sozinho, de não me identificar com ninguém, de perder toda a gente pelo tempo e não ter ninguém que me auxilie nessas perdas e que queira partilhar a vida comigo e que me aceite como sou” (masculino, 24 anos).

“Passados quase 9 anos sinto medo que o meu namorado me deixe. (...) Traição, embora não sinta que tenha motivos de desconfiança, é um medo que tenho devido ao fato de não ser um modelo de mulher, a minha falta de auto-estima em mim mesma faz-me pensar que existe sempre alguém melhor que eu e que posso ser trocada. Tornei-me uma pessoa muito insegura” (feminino, 27 anos).

“Tenho receio que me julguem pelo peso” (feminino, 18 anos).

7.4. A morte e a doença como medos sociais

Esta é, sem dúvida, a categoria que mais respostas obteve. O medo da morte – quer de si, quer de pessoas próximas e importantes –, de doenças como o cancro ou o alzheimer, de perdas de faculdades mentais ou físicas, acidentes, amputações, etc., são frisados com bastante frequência pelos entrevistados.

Mas pode o medo da morte e da doença ser uma questão social? Se existe pergunta que devemos colocar relativamente a tal fenómeno é: porque será que nos parece tao óbvio e natural a existência, tão comum, do medo da morte e da doença? Para tal pergunta a sociologia e a antropologia da saúde possuem algumas pistas acerca das percepções dos indivíduos face à morte e à doença. Os ideais da cultura Ocidental vão no sentido da *valorização* da vida e da saúde – em oposição dicotómica à desvalorização da morte e da doença. Além disso, também o grau e o tipo de religiosidade de uma cultura podem contribuir para percepções diferentes sobre a morte e a doença – enfim, uma complexidade de factores e questões que não cabem nestas páginas, ficando por explorar. Abaixo apresentamos alguns excertos que ilustram estes medos:

“Tenho medo da minha morte e de ter uma doença incurável, cancro, ou perder alguma parte do meu corpo. Preocupo-me porque isso muda a nossa vida totalmente, e sofremos muito. Tenho medo de

perder as pessoas que amo, de perder a minha mãe, os meus irmãos, o meu namorado". (feminino, 18 anos).

"Medo da morte. Medo de perder as pessoas de quem gosto" (masculino, 24 anos).

"Medo da doença, cancro/neoplasia, algo silencioso que destrói vidas e famílias, que está incluído no medo da perda" (feminino, 30 anos).

"Medo de perder o meu filho (como toda a mãe)" (feminino, 55 anos).

"Medo de perder os meus membros superiores. Medo de ficar cego. Medo da demência mental" (masculino, 25 anos).

7.5. Medos sociais: a criminalidade

O medo da criminalidade constitui-se social, encontrando-se difundido na sociedade. No que toca ao crime sexual, mulheres ou companheiros afirmam com bastante frequência ter medo de violações. "Em certo sentido, todas as mulheres são vítimas de violação. Mulheres que nunca foram violadas passam muitas vezes por estados de ansiedade semelhantes aos daquelas que o foram. Podem ter medo de andar sozinhas à noite, mesmo em ruas movimentadas, da mesma forma que receiam estar a sós na sua própria casa" (Giddens, 2010: 230). Este é um medo que afecta mulheres de todas as idades, como se observa:

"Quando ando sozinha de noite começo a imaginar que alguém me pode fazer mal, mas enfrento este medo" (feminino, 24 anos).

"Medo da violação. Afecta a nossa integridade. Pode afectar-nos para toda a vida, pessoal e conjugal" (feminino, 51 anos).

"Medo da violação física, o medo de invadirem algo pessoal, só nosso, que temos de direito de decidir sobre nós próprias" (feminino, 30 anos).

"O medo que me cria mais frustração de momento é quando não posso levar a minha namorada ao emprego. Tenho medo que algo lhe aconteça a caminho do emprego, tanto a nível de um assalto, ou algo pior, como uma violação. Todos os dias através de um jornal de notícias (sendo escrito ou televisivo), constato que são fenómenos que acabam por acontecer com muita incidência. Se algo lhe acontecesse não me perdoaria" (masculino, 27 anos).

"Medo de ser assaltado. A maior parte das vezes nem tenho razões para sentir medo, mas a verdade é que o sinto (...). Não gosto de andar sozinho à noite (...). No comboio, por exemplo, procuro sempre que vá mais alguém na mesma carruagem comigo. Quando ando à noite na rua olho mais vezes para o espaço à minha volta e acelero o passo até chegar ao destino" (masculino, 25 anos).

Este medo demonstra a existência de uma sociedade patriarcal com bases de dominação masculina. A violação "faz parte de sistema de intimidação masculina que mantém as mulheres amedrontadas. As que não foram vítimas (...) são afectadas pela ansiedade". Assim, a violação está relacionada com "a associação entre masculinidade, poder, domínio e força. Na maioria dos casos, não é apenas o resultado de um desejo sexual irresistível, mas dos laços entre a sexualidade e sensações de poder e de superioridade. O acto sexual em si é menos importante do que o rebaixamento da mulher" (Giddens, 2010: 230). O assalto, por seu turno, é um tipo de crime menos referido, mas ainda assim também existe, como se verificou no último excerto apresentado.

7.6. Medos sociais: a guerra e o terrorismo

A guerra e o terrorismo também são referenciados pelos entrevistados como um medo, sendo que os ataques terroristas – assim como as respectivas implicações nas deslocações pelo mundo – são frisados com mais frequência. Serão estes medos «infundados», exagerados, como nos diz Glassner (1999), manipulados por pessoas, grupos sociais ou organizações – neste caso, os *media* –, tratando-se na realidade de uma percepção errónea de perigo? Ou, ainda, na perspectiva de Frank Furedi, estaremos a partir de uma «ideia naturalizada de segurança» (Tudor, 2003), do princípio de que a segurança deve existir, causando um estado de constante insegurança? Seja como for, a realidade é que parece existir uma guerra histórico-religiosa e político-económica que, ao contrário do que pensavam as interpretações evolucionistas, vem demonstrar que o “progresso” da humanidade não é algo linear. Precisamos de visualizar o presente como parte da história, no *continuum* ecológico e multidimensional que é a humanidade. Só assim poderemos interpretar estes medos que, sejam ou não exagerados, são reais pelo simples facto de existirem nas pessoas.

“Não posso negar que tenho receio de um ataque terrorista devido à incidência com a qual têm vindo a acontecer na Europa. Tanto que já evito viajar muito para países como Inglaterra e França. Nos dias de hoje podemos estar felizes num concerto de música, ou num estádio de futebol, e depois coisas como estas acabam por acontecer, como já aconteceram no último ano.” (masculino, 27 anos).

“Medo do terrorismo, que tem vindo a assolar cada vez mais os nossos dias. No meu caso em específico, como faço algumas viagens de avião tenho sentido cada vez mais medo de entrar dentro de aviões e percorrer longas distâncias, para além do facto de sentir também algum receio de estar presente em eventos que envolvam a presença de muitas pessoas justamente pela possibilidade de haver ataques terroristas” (feminino, 26 anos).

“Medo do terrorismo por ataques químicos. Receio a eventualidade de acontecer um ataque, e que este seja por meios químicos. O que leva a ter um processo mais moroso e doloroso até que a pessoa morra. Mesmo que não morra de efeitos directos, os secundários acabam por terminar o serviço” (masculino, 25 anos).

“Medo de viver numa guerra, participando directa (soldado) ou indirectamente (como civil)” (masculino, 36 anos).

7.7. Medos sociais: a ecologia, o ambiente e os desastres naturais

Esta categoria engloba não só medos relacionados com a sustentabilidade ambiental como também com os desastres naturais. Há entrevistados que estão realmente sensibilizados para com as questões ecológicas, embora sejam poucos.

“Sinto medo de perder espécies em vias de extinção, pois fazem falta para o equilíbrio do nosso “habitat”, planeta Terra. Sinto medo das ininterruptas catástrofes ambientais que têm surgido ultimamente, não estaremos prontos para nos defendermos delas” (masculino, 35 anos).

“Tenho medo do futuro do planeta, não por mim mas pelos meus descendentes” (feminino, 69 anos).

A visão holista e ecológica do planeta enquanto *todo* implica a existência de uma grande maturidade. Perceber-se a si enquanto parte do todo que é a vida e natureza e compreender que a sociedade é uma síntese complexa e dialéctica dos contributos de todos nós (Dias, 2007: 11) é meio caminho andado para a mudança ecológica. Como afirma Edgar Morin, o dever de precaução impõe-se, “temos necessidade de um pensamento ecologizado que, baseando-se na concepção auto-eco-organizadora, considere a ligação de todo sistema vivo, humano ou social a seu ambiente” (Morin, 1993: 70). Observem-se mais alguns testemunhos relativamente a estes “medos sociais ecológicos”:

“Medo do fim do nosso Planeta. Sou alguém que ama a vida. A natureza, os mares, os céus, os animais, as pessoas... E actualmente o próprio ser humano está a dar cabo da sua própria casa, o nosso Planeta Terra, com toda a evolução de industrialização, poder nuclear, extracção abusiva de recursos e muitas outras coisas que estão a provocar poluição, radiação, extinção de recursos e espécies de seres vivos... Nós Homens estamos acabar com o nosso próprio combustível da vida, o oxigénio! Esse medo gera em mim também uma enorme impotência por ver tudo acontecer e sozinho não poder fazer nada significativo para mudar o rumo da destruição...” (masculino, 22 anos).

“Tenho medo do aquecimento global e de todas as mudanças atmosféricas que o mundo sofre. Tenho medo porque é algo com que me preocupo todos os dias e estudo e por saber o que pode acontecer, tudo por vivermos numa sociedade egoísta, por saber que os animais sofrem com isso, que os níveis de água do mar estão a aumentar todos os dias, que os polos estão cada vez mais quentes, que cada vez há mais tsunamis, incêndios, sismos. É horrível pensar que podemos passar muito mal, perder a nossa família, a nossa casa. (...) Os recursos naturais são menos e a escassez da água cada vez maior” (feminino, 18 anos).

“Também me preocupo com o que pode acontecer no nosso planeta e isso causa-me alguns medos, pois o homem destrói e não pensa no que está a fazer ao ambiente, causando com a sua própria mão desastres. A acção humana provoca desastres naturais, como inundações, degelo, destruição de florestas, oceanos, animais, caminhando o mundo para a sua auto destruição. Durante a minha vida talvez já não assista à destruição total do planeta, mas as próximas gerações vão passar por tudo isso” (feminino, 59 anos).

Estas questões são realmente importantes, contudo, “não afectam” o dia-a-dia dos indivíduos de uma forma directa, podendo ser esse um dos motivos pelo que são menos referidas. Além disso, e como afirma Edgar Morin, existem dois tipos de “predições” face à questão ecológica: os pessimistas e os optimistas.

No que toca aos “pessimistas”, vêm um prosseguimento irreversível da degradação generalizada da biosfera, com a modificação dos climas, o aumento da temperatura e da evapo-transpiração, a elevação do nível do mar (30 a 140 centímetros), a extensão das zonas de seca, tudo isso com uma demografia provável de 10 bilhões de seres humanos” (Morin, 1993: 70).

Os “optimistas”, por sua vez, “pensam que a biosfera possui potencialidades de auto-regeneração e de defesa imunológica que lhe permitirão proteger-se sozinha, e que a demografia se estabilizará em torno de 8,5 bilhões de seres humanos” (Morin, 1993: 70).

Os fogos em Portugal são também uma realidade muito severa, de que alguns indivíduos frisaram ter medo. Além disso, algumas pessoas indicam também ter medo de tsunamis e terremotos – medos que podem eventualmente ser também considerados na categoria “fobias”.

“Tenho um certo receio em relação aos fogos florestais, porque depois do que aconteceu neste Verão em Portugal, percebi que tenho familiares, que se encontram em locais próximos à floresta, e tenho medo que algo lhes aconteça na iminência de um incêndio” (masculino, 27 anos).

“Tenho medo de tsunamis. Penso que fiquei com medo que isso acontece no nosso país desde que comecei a ver essas tragédias em outros países do mundo” (feminino, 25 anos).

7.8. Medos sociais em relação à desumanidade

Estes medos revelam a existência de valores *humanistas* por se relacionarem com a natureza humana – a bondade, a benevolência, a sensibilidade. O excerto que se segue é de uma entrevistada que reflecte exactamente sobre os valores humanos e os mecanismos de difusão dos mesmos:

“Se vivêssemos numa sociedade onde a paz, o amor, a solidariedade e outros valores humanitários fossem os valores propagados pelos meios de comunicação social, onde os indivíduos se respeitassem, estes passavam a viver mais felizes, a vida era diferente. O que mudava numa sociedade destas? Nesta sociedade não haveria lugar para conquistas de poder e manipulação de medos para controlar os indivíduos” (feminino, 59 anos).

Existe, pois, referência a questões como a intolerância, a ganância humana, o desejo abusivo de poder, a falta de amor nas relações humanas, as atitudes de oportunismo e em benefício pessoal. Veja-se os seguintes excertos, ilustrativos destas ideias:

“Medo da maldade do ser humano” (masculino, 35 anos).

“Medo da ganância humana, do desejo de poder, da cegueira pela conquista do mundo” (feminino, 59 anos).

“Medo da falta de humanidade e de amor nas relações humanas com crianças, jovens e velhos e crescente violência com os mesmos; medo dos que detêm o poder a nível mundial” (feminino, 67 anos).

“Medo da corrupção governamental, que acaba por influenciar os diferentes e diversos aspectos da vida, da mais básica como as necessidades básicas da população, a saúde, até por exemplo à guerra, disputa pela inteligência artificial dos EUA e da Alemanha, etc” (masculino, 23 anos).

“Medo que a humanidade alcance um ponto de “não-retorno”, que os avanços na tecnologia não estejam ao serviço de boas causas, que sirvam apenas interesses económicos e que promovam a repressão e opressão” (feminino, 38 anos).

“Medo do oportunismo e das atitudes em benefício pessoal em ambiente laboral” (masculino, 57 anos).

É também muito interessante o excerto que apresentamos abaixo, que dá ênfase à tecnologia como possível responsável pelo fim da humanidade, da emoção, da vida – dado o seu impacto nas relações sociais e nas decisões humanas:

“Medo da tecnologia (inteligência artificial). Sou uma pessoa bastante amante da vida e da humanidade e tenho medo que a inteligência artificial venha controlar a nossa humanidade de forma que qualquer dia dependamos de um robot ou algo para tudo e não termos a nossa capacidade emocional, de actuar, e deixarmos todas as decisões à inteligência artificial. E também a inutilidade humana nos postos de trabalho. Este medo gera em mim uma emoção de frustração por nos deixarmos levar por algo que nos pode afectar!” (masculino, 22 anos).

7.9. A infelicidade como medo social

O tema da felicidade é essencial à sociologia, uma vez que é *fundamental* para a vida humana. A razão e a emoção, no ser humano, constituem-se como um todo. Além disso, as emoções positivas são um meio de equilíbrio ao bem-estar e à saúde mental. Neste sentido, “o contentamento e o prazer aparecem igualmente como componentes da felicidade” (Dantas, 2012: 21). O excerto que se segue mostra como é importante realizar aquilo que se gosta, para não cair no desgosto e na tristeza da infelicidade:

“Tenho medo de arranjar um emprego que não goste. (...) Tenho medo de arranjar outro emprego [como o que tive], passar 8 horas enfiada num espaço os 5 dias da semana, vir a casa só fazer o jantar e dormir e no dia a seguir ser o mesmo. (...) Eu gosto de criar arte e usar os materiais, mexer neles, experimentá-los, ter tempo para usufruir e criar arte na minha vida. (...) No seguimento deste pensamento tenho medo de não conseguir aproveitar a vida por causa do trabalho/emprego. No meu caso, adoraria poder trabalhar do artesanato/ produtos feitos à mão que tanto gosto de fazer” (feminino, 24 anos).

O trabalho é “não só o meio de aquisição de um rendimento como constitui igualmente a ocupação da maior parte do tempo” (Méda, 1999: 174). As horas de trabalho são muitas e muitas pessoas têm medo de viver infelizes, num emprego que não gostem, ficando sem tempo para actividades que promovam a sensibilidade e o bem-estar, como por exemplo a arte – até porque nem sempre é possível arranjar trabalho nas áreas de formação/ escolhidas pelos indivíduos para ser parte da sua vida. Torna-se difícil a concretização de sonhos num mundo onde a *utilidade* importa mais do que a felicidade.

“Medo de não ter tempo para mim por questões laborais; medo de ficar num trabalho que não seja gratificante profissional e pessoalmente.” (masculino, 31 anos).

“Assusta-me um horário de trabalho comprido que me impeça de fazer o que quero e gosto porque eu tenho muitos desejos e objectivos” (feminino, 24 anos).

“Sinto-me com vontade de realizar sonhos e viver, mas que o tempo pode ser pouco para tanto” (feminino, 59 anos).

O medo da felicidade está, assim, relacionado com o medo do futuro, destacando-se “as alusões à qualidade de vida, ao bem-estar, à satisfação; sinais de que a felicidade pode constituir um problema social. E é um problema social na medida em que são inquietações que condicionam as expectativas e a acção dos indivíduos em sociedade” (Dantas, 2012: 13). Observe-se mais um excerto ilustrativo sobre a felicidade, que relaciona esta ideia com o ponto anterior acerca da desumanidade, mostrando como os vários fenómenos se encontram interligados:

“Medo de ser adulto: sinto tristeza por saber que as pessoas, incluindo eu, vivem para trabalhar. Vivemos para enriquecer, para sobreviver, não para ser felizes; desperdiçamos o tempo e energia em vão, em vez de vermos aquilo que é essencial e que está à nossa frente. Vivemos acelerados, de pensamento em pensamento, de preocupação em preocupação, a fazer escolhas e nunca realmente paramos para aprofundar, para reflectir e ganhar insight sobre os nossos próprios padrões de funcionamento e sobre o que realmente precisamos e queremos da vida. Vivemos tristes e escravizados num sistema cego guiado por corporações, por amantes do dinheiro, senhores do poder, da guerra e corruptos que fazem por si e pelos seus, (...) e nós temos que nos adaptar a um sistema que fomenta isto (...). Torna-me desmotivado, perco o interesse, cria revolta, faz com que não queira viver neste mundo, mas ao mesmo tempo [tomar esta consciência] fez de mim menos ingénuo e incentivou à procura de mais conhecimento, deu-me um caminho a não seguir e permite-me fazer diferente; faz-me acreditar em utopias e procurar a liberdade” (masculino, 23 anos).

7.10. Medos sociais sobre a inconsciência social

Estes medos apresentam um carácter ideológico, não querendo no entanto dizer que quem os possui pertença a uma mesma facção política. Esta é a categoria menos respondida pelos entrevistados – apenas 6% responde ter preocupações relacionadas com este tópico. Assim, alienação, a inconsciência social, a ignorância, a indiferença constituem-se como preocupações, sendo no entanto apontados pelos indivíduos que os sentem como receios fundamentais:

“Sinto medo da ignorância da população no geral; impede-nos de seguir em frente e de nos evoluirmos como ser humano” (masculino, 35 anos).

“Medo da indiferença e da inconsciência perante o desemprego; medo do conformismo e indiferença no trabalho; medo da inconsciência da história do país; medo indiferença face ao quotidiano; medo da falta de formação das pessoas; medo da falta de cidadania” (masculino, 57 anos).

“Medo de voltar a regimes totalitários, vivenciar o cair na estupidez e na sombra da perda da liberdade democrática - sentimento de fracasso, de fazer parte de uma geração ignorante que permitiria o seu regresso” (masculino, 36 anos).

“Medo de cair na apatia social, não quero morrer sem sentir que fiz alguma coisa para mudar o mundo que me rodeia, algum tipo de activismo” (masculino, 23 anos).

“Tenho medo da destruição do Partido onde milito porque é a única arma dos trabalhadores para defesa dos seus direitos e tenho medo que este Partido se desvie da sua identidade como muitas vezes parece estar a acontecer” (masculino, 45 anos).

7.11. Fobias

A fobia pode ser socialmente produzida, no sentido em que existem medos que são propagados pela sociedade, seja através dos *media* (ex.: fobia a tsunamis), dos filmes de terror (ex.: fobia ao escuro), etc. Esta categoria encontra-se mais associada a um âmbito psicológico, uma vez que se trata de uma aversão e medo mórbido irracional, desproporcional e persistente nos indivíduos (Dias, 2007) que não tem obrigatoriamente de ser causada por eventos “externos”, sociais. No entanto, podemos, afirmar que a forma como os indivíduos lidam psicologicamente com certos eventos é também ela uma questão social.

Existem quase tantas fobias como situações e objectos que as possam causar. A fobia traduz um estado de angústia, “um evitamento, relativamente persistente, a certos objectos ou situações presentes, mencionadas ou imaginadas” (Dias, 2007: 32). Nesta categoria encontram-se medos de todos os tipos: desde medo de andar de avião, medo do escuro, medo do mar, medo de alturas, medo de baratas, medo do desconhecido, medo de aranhas, etc.

7.12. Outros: afectividade e gestão das emoções na família

Gostaríamos de destacar dois testemunhos que nos causaram uma enorme curiosidade. Embora não tenhamos considerado como categoria, devido à diminuta expressividade, não pudemos deixar de os referenciar, uma vez que se prendem com medos relacionados com a instituição familiar – como tal, também sociais.

“Sinto uma tristeza enorme ao saber que nunca vou conhecer o meu pai e ele nunca me vai conhecer a mim mesmo vivendo sob o mesmo telhado que ele. Pode ser por indisponibilidade recíproca, mas é tão mais confortável. Acho que me acomodei a esta situação e nunca saberei o que fazer para remediar, sempre assumi que o erro ou a anomalia possa ser minha apesar de provavelmente não o ser” (feminino, 27 anos).

“Associado à situação de mãe sozinha responsável pela educação de três rapazes, é o de não ser capaz de ter percepção do impacto que a situação familiar – falta de disponibilidade emocional do pai para os filhos e sua condição depressiva, ainda que em suposto tratamento, associada a consumo de álcool e psicotrópicos de carácter não medicamentoso – teve/tem no seu desenvolvimento sócio-afetivo e emocional e não ser capaz de agir condignamente. A gestão do equilíbrio entre a negligência e a subvalorização de alguns comportamentos é extraordinariamente difícil” (feminino, 50 anos).

8. Percepções sobre os medos sociais

Após termos questionado os nossos entrevistados quanto às suas percepções relativamente aos medos sociais – e uma vez que lhes foi pedido uma reflexão em forma de resposta aberta – foi-nos possível criar os pontos temáticos que apresentamos de seguida. Fizemos, pois, uma selecção das ideias que se afiguram mais fundamentadas.

É interessante verificar como as respostas vão no sentido do enquadramento teórico da nossa dissertação: o medo é o medo do poder, uma forma de manipulação e “apenas se pode combatê-lo indo à raiz do problema” (masculino, 25 anos).

8.1. Percepções sobre o medo social na história

Alguns entrevistados dão ênfase aos medos da época medieval, destacando a religião como elemento crucial na propagação do medo. De facto, a religião foi, ao longo da história, uma instituição com bastante poder, constituindo-se como factor determinante para o forte sentimento de medo que se fazia sentir nesta época. Seria importante realizar uma análise histórica sobre o poder da religião e do seu impacto no medo, que infelizmente não cabe nestas páginas. Os seguintes excertos são ilustrativos das percepções acerca do poder da religião e da aristocracia e do respectivo impacto no sentimento de medo.

“No passado, (...) o medo foi propagado, envolvendo valores religiosos – os pecados. As formas de propagação do medo variaram ao longo do tempo. (...) Havia outras formas de propagação do medo – o testemunho oral e directo, onde a igreja era um pilar fundamental. Por exemplo, na época da inquisição, séculos XVI a XVIII, os autos de fé eram formas de provocar medo nas pessoas, pois tinham de assistir a enforcamentos, pessoas a serem queimadas, maltratos, como exemplo do que poderiam sofrer se não fossem pessoas de fé e cristãos. Dessa forma as pessoas eram controladas pelo medo” (feminino, 59 anos).

“A sociedade em sentido lato sempre foi possuída por medos. Facto, este, que enformou a plataforma de acção da Instituição Igreja. Em tempos mais remotos, em que o conhecimento científico era escasso, qualquer anomalia ao quotidiano era encarada como castigo dos Deuses. O temor ao “além castigador” era o fio condutor das sociedades e como tal o medo existia. Esta circunstância foi transversal aos tempos atingindo os nossos dias não tanto pela falta de postulados científicos mas sim manipulada por interesses meramente económicos e belicistas” (masculino, 59 anos).

“Se considerarmos o Poder como agente que institui activamente o medo, podemos recuar no tempo e pensar que o mesmo foi travão ao desenvolvimento da sociedade no exemplo da Ciência. E o medo tem sido estudado e bem ‘apurado’ com o recurso à psicologia e tantas outras ciências para manter os privilégios sociais de quem tem detido o Poder, como por exemplo a aristocracia” (masculino, 57 anos).

8.2. Percepções sobre o medo social na época do fascismo

Apresentamos agora excertos das percepções acerca do medo social na época do fascismo. Esta foi uma época disseminadora de muito medo, em que a polícia política tinha uma forte presença e actuação sobre tudo aquilo que era dito e feito que fosse contra os ideais da sociedade autoritária. A liberdade de pensamento foi, em Portugal, reprimida e censurada durante o período do fascismo, inclusive nas cartas que eram enviadas pelos familiares aos presos políticos que muitas vezes, devido à censura do “lápiz azul” não chegavam a ser recebidas por terem conteúdos “impróprios” que ameaçavam a ordem vigente.

“No tempo da ditadura fascista, a que pomposamente alguns historiadores chamam de “Estado Novo”, a falta de liberdade, a presença constante de pides e informadores, nos locais de trabalho e de residência, nos transportes públicos e em tantos locais públicos geravam um medo constante na população. Também naqueles que lutavam contra a ditadura havia o medo latente de serem descobertos, serem presos, torturados, mortos, apesar de isso não ser um factor limitativo da sua acção, mas que obrigava a maiores cuidados de auto-defesa e de desenvolvimento de sentido de sobrevivência” (masculino, 65 anos).

“Outro exemplo foi que se passou na época do fascismo, século XX. O medo social propagado na sociedade, provocado por vários elementos que o governo de Salazar colocou em acção, como a PIDE, a censura, a perseguição dos opositores, que eram presos e torturados nas prisões, eram formas de controlo social” (feminino, 59 anos).

8.3. Percepções sobre o poder e o medo social

Como se tem vindo a verificar, o poder não é exclusivo aos órgãos políticos. As instituições que detêm poder podem variar, sendo que consoante as épocas históricas assim se tem verificado uma alteração das proporções do poder que cada uma contém. Neste sentido, a religião surge como exemplo de uma instituição que abarcou e impôs um forte poder durante todo o período da época medieval e cuja autoridade se tem vindo a dissipar, não só com a Implantação da República – que destituiu o clero enquanto elemento central na tomada de decisões – mas também, por exemplo, com o advento de instituições como a ciência. Dito isto, trata-se “afinal, sempre, de relações de poder” (Gil, 2012: 70). O medo é a maior arma do poder, permitindo-lhe controlar as mentes, os comportamentos e as acções. Não existem sociedades sem censura: o que pode mudar são as modalidades de censura (Dias, 2007). Os seguintes excertos estão muito bem fundamentados, tratando a importância do poder no medo social.

“O medo é uma arma utilizada pelos poderosos para gerir as sociedades. O medo condiciona o pensamento e os poderosos sabem-no bem. Atiram-nos com imagens chocantes e falsas informações constantemente, apelando aos nossos sentidos primários e à irracionalidade. (...). Acho que o medo ou os medos são comuns porque a grande maioria das pessoas são afectadas pelas mesmas coisas. O desemprego, a incerteza, a pobreza, a insegurança, a solidão na era das redes sociais, a discriminação sexual ou racial, etc. Obviamente que existem diferenças, dependendo da faixa etária, género, classe social mas se formos ao fundo da questão encontramos sempre um denominador comum e é a partir desse aspecto em comum que realmente se podem construir alternativas e fazer com o que o medo mude de lado. O medo é sobretudo um problema social que tem expressões individuais diversas. As pessoas lidam com as coisas de maneira diferente, aliás somos ensinados a pensar individualmente e a agir apenas em nosso proveito. É esse o grande triunfo do neoliberalismo, colocou-nos a pensar dentro de uma caixa completamente isolada da restante população” (masculino, 25 anos).

“A nível de sistema político, o(s) medo(s) não escolhe(m) o regime. Ele(s) encontra(m)-se presente(s) independentemente da ideologia política. Por um lado, nos regimes totalitários ou

autoritários, as atitudes são visivelmente mais hostis uma vez que existe policiamento quer na esfera pública quer na esfera privada. Por outro, nos regimes liberais ou nas ideologias libertárias (de esquerda, entenda-se), onde apesar de se mitigar a ignorância face a alguns assuntos como o racismo, a xenofobia, o sexismo, a LGBTfobia, o capacitismo, crenças religiosas diferentes da norma ou não possuir crença de todo, entre outros, também se verifica receio face à tecnologia e à ciência, por exemplo, receio de que os OGM's (organismos geneticamente modificados) ou que as vacinas possam ter um impacto negativo na saúde, que a IA (Inteligência Artificial ou Androids) possa roubar o emprego. Em suma, o medo quando instrumentalizado pode mover as multidões para onde se quiser.” (feminino, 27 anos)

“Tanto uma época liberal como uma época de ditadura geram medos, podem é geram medos diferentes. Na ditadura por exemplo o medo de falar pela repressão do poder e numa época liberal há um medo de dar opinião por medo das críticas dos outros” (masculino, 22 anos).

8.4. Percepções sobre os *media* e o medo social

As configurações da manipulação empregues nas sociedades conservadoras ou ditatoriais diferem das que se fazem sentir nas sociedades democráticas, mais sofisticadas. Nas sociedades onde o poder toma uma forma horizontal, a censura não provém (directamente) do autoritarismo político, radicando em critérios mais complexos, como por exemplo o excesso de informação (Dias, 2005). Assim, os meios de comunicação social têm um papel central na forma como o medo é disseminado em sociedade. Importa, pois, compreender que o «ruído» do excesso de informação que é transmitido através dos *media* impede ao receptor a capacidade de processar ideias e, em consequência, de tomar consciência da ausência de informação. Esta é uma forma de controlo das mentes, que é exercido não devido à falta de informação, mas ao excesso da mesma – constituindo-se em ruído permanente (Morin, 2008; Dias, 2005: 107). Os seguintes excertos ilustram muito bem esta ideia:

“Com as novas tecnologias de comunicação há uma grande desinformação. Parece contraditório porque em vez de estar mais informadas, as pessoas confrontam-se no dia-a-dia com muita informação e não têm o tempo necessário para aprofundar os assuntos, para processar e analisar se o que estão a receber é certo. Mas também há pessoas que têm a capacidade de processar adequadamente a informação que recebem e sabem usar correctamente as novas tecnologias de comunicação. Parece que falta literacia para conhecer as vantagens das novas tecnologias” (masculino, 31 anos).

“A maior parte das pessoas não tem consciência do efeito das notícias e recebem as informações de forma passiva e como se fosse muito natural, sem darem conta que tal está a preparar-lhes o cérebro para ficarem com essa informação armazenada nos neurónios, alterando os seus pensamentos, decisões e acção diária. É um trabalho psicológico que vai roendo e contaminando os indivíduos” (feminino, 59 anos).

“A manipulação da opinião pública, a começar nos média, faz desenvolver esses mesmos medos, conduzindo à criação de receios latentes. Quando a preocupação fundamental devia ser transmitir

mais segurança e mostrar como ultrapassar essas situações de insegurança, no entanto, também sabemos que quanto maior a instabilidade e a insegurança que seja instalada nas pessoas, mais vulneráveis se tornam e assim mais fáceis de manipular. Assim ficam mais receptivas a soluções de força, de violência, de limitação de liberdades, que em nome da “segurança” são desenvolvidas, mas que por vezes têm por detrás outros interesses, outros desenvolvimentos, sem resolver as verdadeiras questões de fundo” (masculino, 69 anos).

8.5 A variabilidade, universalidade e relatividade do medo social

Os entrevistados teceram também algumas considerações, gerais, sobre a forma como o medo varia consoante as épocas. Assim, é também interessante observar estas percepções, já que abrem portas a outras conclusões e formas de reflexão relativamente à variabilidade, universalidade e relatividade do medo social. Vejam-se os seguintes excertos:

“Acho que há medos que são fruto das épocas, outros que são sempre presentes. Suponho que o medo da morte é algo que tenha perturbado toda a gente desde que se aperceberam da sua condição, e ganharam consciência básica. As aranhas já me parece um erro, um medo genético que permanece, talvez pela forma dos animais que ainda possa reter réstias do que assombrava os nossos antepassados quando conviviam com eles na Natureza. Será que existe algo como “medo genético”?” (masculino, 24 anos).

“O terrorismo é um tema que tem alguns anos, mas é actual; a sida já passou de moda, mas o(s) cancro(s) está por aí. Os variadíssimos “crashes” da banca e toda a questão monetária dos vários povos são também medos criados para manipular uma sociedade cada vez mais escrava do trabalho e da banca, etc.” (masculino, 35 anos)

“Este último ano tem sido os atentados terroristas ao longo de toda a europa, um receio que há uns anos era mais direccionado para os Estados Unidos. Antes o aquecimento global, a poluição, camada de ozono, basicamente questões ambientais eram assuntos quase inexistentes e o que havia era tratado de forma leve, isso entre muitos outros exemplos” (masculino, 25 anos)

“De momento as tempestades ocorridas nos EUA, a sociedade americana só vive estes medos nestas situações, passando a época, despreocupam-se novamente. Como os incêndios em Portugal, entre os meses de Julho e Agosto, apenas se lembram e as pessoas só vivem o medo nestes meses; como os americanos, passando a época, despreocupam-se, e nem se lembram de prevenir” (feminino, 29 anos).

“Podemos dizer que sempre foi assim e que de uma ou outra forma se fez sentir, com maior ou menor intensidade. No entanto, nos dias de hoje, fruto das novas tecnologias e em particular da internet, estas situações têm tendência a um desenvolvimento muito maior que pode ir à escala planetária. Há no entanto medos que se acentuam mais em determinadas camadas sociais, fruto das suas experiências de vida, mas também do agravar das desigualdades sociais que se aprofundam e desenvolvem.” (masculino, 61 anos).

“Numa época liberal há outro tipo de medos que tem a ver com as crises do capitalismo, a instabilidade social, as desigualdades, a saúde (ou a falta dela)” (masculino, 65 anos).

“Eu acho que a sociedade de hoje em dia tem muitos medos, porque cada vez mais as crianças e adultos têm um maior acesso a videojogos violentos, filmes de terror etc., como também há criminalidade, guerras e ataques terroristas” (feminino, 18 anos). “Há certos medos específicos que mudam consoante a população e o país, porque um país que tenha muitas catástrofes naturais e que fique ao pé do mar tem certos medos, como os tsunamis, e um país que tenha tendência para sismos, a população terá outro tipo de medo” (feminino, 18 anos).

8.6. Outras percepções sobre o medo social

Por fim, apresentamos algumas percepções gerais sobre o medo: aquilo que é, quais os seus impactos no ser humano e, por último, percepções sobre aquilo que pode ser feito para reduzir ou extorquir o medo das sociedades humanas.

“O medo é um sentimento que o ser humano sempre sentiu, no entanto, numa opinião pessoal, o medo produz curiosidade. E assim podemos subverter o sentimento do medo. Foi o medo que manteve o homem preso na caverna, mas também foi o medo e a vontade de o superar que fez o homem sair desta. É preciso sentir o lado negativo para sabermos valorizar o aspecto positivo. Assim, temos que enfrentar os nossos medos, e por vezes acabamos por nos aperceber que o medo é somente uma sombra criada no nosso subconsciente que distorce a realidade e a envolve em ideias de perigo onde este não existe” (masculino, 25 anos).

“Claramente o medo deturpa a percepção do indivíduo sobre a realidade, e a realidade é facilmente manipulada se não nos dedicarmos minimamente ao processo de compreensão que poderá estar a originar esse medo. Talvez trabalhar sobre isso individualmente contribuísse para uma sociedade mais saudável, nunca saberemos” (feminino, 27 anos)

“O medo, a fobia, o receio, impedem de viver. Se as pessoas deixam de andar de avião com receio de um ataque terrorista, estão a ser impedidas de viver. Da mesma forma, se alguém não faz porque tem medo de falhar, ou se se deixa manietar pelos seus receios, deixa de viver para passar apenas a existir. Se o medo de ficar desempregado faz com que alguém trabalhe 14 horas por dia, seis dias por semana, não sobra muito para viver” (feminino, 37 anos).

Relativamente ao que pode ser feito para reduzir ou eliminar o medo social, os entrevistados deram as seguintes respostas:

“Quanto ao que pode ser feito não é tão simples assim de responder, mas no fundamental podemos afirmar que quanto maior estabilidade social, menos desigualdades, melhor qualidade de vida, para a sociedade em geral e para algumas camadas sociais em particular, o risco e a possibilidades de desenvolvimento de medos será muito menor” (masculino, 65 anos).

“A sociedade de hoje tem muitos medos e creio que apenas se pode combater-los indo à raiz do problema, neste caso o sistema capitalista” (masculino, 25 anos).

“O que pode ser feito pela pessoa (...)? Acordar. Se o despertador funcionar” (masculino, 57 anos).

CONCLUSÃO

A nossa investigação pautou-se por dois objectivos, sendo que um deles era explorar a relação inter-paradigmática e interdisciplinar, trazendo o pensamento conjuntivo, multidimensional à análise do medo social. Assim, e antes de procurarmos responder à pergunta “Quais são os medos sociais dos portugueses?”, quisemos olhar o objecto de uma forma ampla, de forma a dar ênfase à importância de uma forma de raciocínio não dissociativa.

Os fenómenos que ocorrem no presente são, pois, parte da história, de tudo o que existiu e existe, assim como da multiplicidade de factores que se encontram inter-relacionados. Não devemos, pois, pensar o presente como o “auge” da humanidade, sendo este um erro de raciocínio que leva a explicações redutoras da realidade. Tal abertura mental permite relacionar acontecimentos – sem que no entanto se perca a identidade individual de cada disciplina científica.

Dito isto, tínhamos como segundo objectivo tentar perceber quais os medos sociais dos portugueses. Demos, pois, e em termos teóricos, ênfase a uma análise socio-cultural das percepções e sentimentos dos nossos entrevistados, procurando no entanto explorar também, de forma breve, a relação interdisciplinar que foi desenvolvida no primeiro capítulo.

Uma vez que estamos perante um estudo de caso, as conclusões do mesmo não podem ser generalizadas para a população portuguesa. No entanto, e tendo sido entrevistados 77 indivíduos, verificou-se uma tendência para o sentimento de certos tipos de medo que, apesar de parecerem ter um carácter exclusivamente psicológico, afiguram-se sociais – como o medo de falar em público, ser avaliado ou julgado, ou o medo do desemprego. Estes medos constituem-se sociais na medida em que são socialmente partilhados e difusos – como tal, sentidos por muita gente, mas não assumidos enquanto problemática social. Além disso, a idade não parece influenciar tipos de medo que à priori pensávamos serem característicos de escalões etários mais avançados: o medo da perda, o medo da solidão ou o medo de falhar para com os familiares.

Assim, embora pareça que não existem medos, na verdade eles encontram-se ocultos e imersos no tecido social, consubstanciando-se em formas de estar e sentir e podendo apenas ser verificados através de uma *exteriorização* uma vez que, no dia-a-dia, este é um assunto que não tende a ser falado por parte dos indivíduos.

Seria importante criar estruturas, dispositivos e mecanismos sociais que permitissem o desenvolvimento do sentimento de confiança. No entanto, o *poder* alimenta-se e reproduz-se a partir do medo social e, neste sentido, o medo só pode deixar de existir quando a preocupação para com o fim do medo for uma preocupação genuína. Não existem sociedades sem poder nem censura, como tal, não existem sociedades sem medo.

Esta dissertação procura ser um ponto de partida para uma futura investigação a partir de um ponto de vista inter-paradigmático.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, Zélia Maria Mendes Biasoli e Silva, Maria Helena G. F. Dias da Silva (1992), “Análise Qualitativa de Dados de Entrevista: uma proposta”, *Paidéia*, FFCLRP – USP, 2, Fev/Jul
- Averill, James R. (1996), “Intellectual Emotions”, em Rom Harré e W. Gerrod Parrot (orgs.), *The Emotions. Social, Cultural and Biological Dimensions*. London, Sage Publications (1ª edição).
- Bachelard, Gaston (2005), *A formação do espírito científico*, Rio de Janeiro, Contraponto Editora
- Barbalet, J. M. (2001), *Emotion, Social Theory and Social Structure. A Macrosociological Approach*, Cambridge, Cambridge University Press
- Benedict, Ruth (1934), *Padrões de Cultura*, Lisboa, Edição Livros do Brasil
- Bericat, Eduardo (2016), The sociology of emotions: Four decades of progress. *Current Sociology Review* 64 (3): 491–513
- Capra, Fritjof (1996), *A Teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*, São Paulo, Editora Cultrix
- Capucha, Luís (1998), “Pobreza, exclusão social e marginalidade”, em Viegas, José Manuel Leite e Costa, António Firmino da (orgs.), *Portugal, que modernidade?*, Oeiras, Celta Editora
- Citron, Suzanne (1999), *A História dos Homens*, Lisboa, Terramar
- Coutinho, Clara Pereira (2016), *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*, Coimbra, Edições Almedina
- Damáσιο, António (2011), *O Erro de Descartes*, Lisboa, Círculo de Leitores
- Damáσιο, António (2013), *O Sentimento de Si. Corpo, Emoção e Consciência*, Lisboa, Círculo de Leitores
- Dantes, Ana Roque (2012), *A Construção Social da Felicidade*, Lisboa, Edições Colibri
- Dias, Fernando Nogueira (2005), *A Manipulação do Conhecimento*, Lisboa, Nova Vega
- Dias, Fernando Nogueira (2007), *O Medo Social*, Lisboa, Instituto Piaget
- Elias, Norbert (1990a), *O Processo Civilizador. Volume I: Uma História dos Costumes*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor
- Elias, Norbert (1990b), *O Processo Civilizador. Volume II: Formação do Estado e Civilização*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor
- Engels, Friedrich (1884), *A Origem da Família, da Propriedade e do Estado*, Lisboa, Editorial Presença
- Freixo, Manuel João Vaz (2012), *Teorias e Modelos de Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget
- Geertz, Clifford (1989), *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora
- Giddens, Anthony (2010), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Gil, José (2012), *Portugal, Hoje. O Medo de Existir*, Lisboa, Relógio D'Água Editores
- Glassner, Barry (1999), *The Culture of Fear: Why Americans are Afraid of the Wrong Things*, New York, Basic Books
- Hall, Edward T. (1982), *The Hidden Dimension*, United States of America, Anchor Books
- Hall, Edward T. (1959), *The Silent Language*, United States of America, Doubleday & Company

- Koury, Mauro G. (2009), *Emoções, Sociedade e Cultura, A categoria de análise emoções como objecto de investigação na sociologia*, Curitiba, Editora CRV
- Mauss, Marcel (1921), *Introdução a uma leitura de Mauss*, São Paulo, Editora Ática
- Méda, Dominique (1999), *O trabalho: um valor em vias de extinção*, Lisboa, Fim de Século
- Medina, Ângela (2017), “Tráfico de crianças para fins de exploração da mendicidade: contextualização do problema, (algumas) medidas de protecção das vítimas e lacunas do sistema português”, em Valente, Isabel Maria Freitas e Guia, Maria João (orgs.), *União Europeia e o Combate ao Tráfico de Seres Humanos*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra
- McCarthy, E. Doyle (1989), “Emotions are social things: an essay in the sociology of emotions”, em Franks, David D. e McCarthy, E. Doyle (orgs.), *The Sociology of Emotions: Original Essays and Research Papers*, Greenwich, Jai Press
- Marx, Karl (1990), *O Capital: Crítica da Economia Política, Primeiro volume, Livro I: O Processo de Produção do Capital*, Moscovo-Lisboa, Edições Progresso-Editorial Avante!
- Maslow, Abraham (1970), *Motivation and Personality*. New York, Harper Row, Publishers
- Morin, Edgar (1977), *O Método 1: a natureza da natureza*, Lisboa, Publicações Europa-América
- Morin, Edgar (1980), *O Método 2: a vida da vida*, Lisboa, Publicações Europa-América
- Morin, Edgar (1996), *O Método 3: o conhecimento do conhecimento*, Lisboa, Publicações Europa-América
- Morin, Edgar (2005), *O Paradigma Perdido: A natureza humana*, Lisboa, Publicações Europa-América
- Morin, Edgar (2008), *Introdução ao Pensamento Complexo*, Lisboa, Instituto Piaget
- Morin, Edgar (1993), *Terra Pátria*, Porto Alegre, Editora Sulina
- O’Brien, Dan (2013), *Introdução à teoria do conhecimento*, Lisboa, Gradiva
- Santos, Boaventura Sousa (1999), *Um Discurso Sobre as Ciências*, Porto, Edições Afrontamento
- Scott, John e Marshall, Gordon (2009), *Dictionary of Sociology*, New York, Oxford University Press
- Sem autor (2012), “Sondagens e estudos de opinião. Tipos de Respostas”, consultado em 15.09.2017. Disponível em <https://sondagenseestudosdeopiniao.wordpress.com/questionarios/tipo-de-respostas/>
- Stets, Jan E. e Turner, Jonathan H. (2008), “The Sociology of Emotions”, em Michael Lewis, Jeannette M. Haviland-Jones e Lisa Feldman Barret (orgs.), *Handbook of Emotions*, New York, Guilford Press (3ª edição).
- Thoits, Peggy A. (1989), The sociology of emotions, *Annual Review of Sociology* 15: 317–342
- Tudor, Andrew (2003). A (macro)sociology of fear? *The Sociological Review* 51 (2): 238–256
- Turner, Jonathan H. (2009), The Sociology of Emotions: Basic Theoretical Arguments, *Emotion Review*, 1: 340 – 354
- Turner, Jonathan H. e Stets, Jan E. (2005). *The Sociology of Emotions*. Cambridge University Press
- Turner, Jonathan H. e Stets, Jan E. (2006), Sociological theories of human emotions, *Annual Review of Sociology*, 32: 25–52
- Williams, Simmon (2001), *Emotion and Social Theory*, London, Sage Publications
- Weber, Max (1978), *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Volume 2, United States, University of California Press

ANEXOS

ANEXO A – GUIÃO DE ENTREVISTA

1. Caracterização do Entrevistado

- 1.1. Sexo
- 1.2. Idade
- 1.3. Estado Civil
- 1.4. Grau de Escolaridade
- 1.5. Situação Socioprofissional (estuda, trabalha, etc.)

2. O Medo Social

2.1. Gostaria que reflectisse sobre os seus maiores medos – indicar pelo menos dez.

2.2. Peço agora que dê uma resposta de opinião. Irei colocar-lhe várias perguntas, responda àquelas que se sentir mais à vontade. Tente responder no mínimo a cinco perguntas.

- a) O que é o medo? b) A sociedade de hoje tem muitos medos? c) Sempre foi assim? d) Os medos mudam ao longo do tempo? e) Existem medos consoante as épocas? f) Uma época de ditadura pode causar, numa população, mais medos do que uma época liberal? Ou existem medos em todas as épocas, sendo apenas sentidos de formas diferentes – sendo que o que muda são as formas de medo? g) Os medos são comuns a toda a população? Ou são específicos de certos grupos sociais/ sentidos consoante as idades? h) Pode o medo causar desmotivação, apatia, insegurança, depressão, desespero, desamparo? i) O medo impede de viver? j) O que pode ser feito para que as pessoas não sintam medo?

Nota: Reflecta sobre estas ou outras questões que considerar relevantes para o tema do medo. De preferência, dê respostas com algum desenvolvimento.

INFORMAÇÃO PESSOAL

Patrícia Pereira Hermenegildo



Telemóvel: 961403494

E-mail: patriciapereirahermenegildo@gmail.com

Sexo Feminino

Nacionalidade Portuguesa

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

- 2015–2017 **Mestranda em Sociologia**
ISCTE-IUL, Lisboa (Portugal)
- 2014–2015 **Pós-Graduação em Análise de Dados em Ciências Sociais**
ISCTE-IUL, Lisboa (Portugal)
15 valores, com a obtenção de 60 ECTS
Utilização dos Softwares IBM SPSS Statistics e MaxQda
- 2013–2014 **Estudos Pós-Graduados em Sociologia**
ISCTE-IUL, Lisboa (Portugal)
16 valores, com a obtenção de 60 ECTS
- 2010–2013 **Licenciatura em Sociologia**
ISCTE-IUL, Lisboa (Portugal)
14 valores, com a obtenção de 180 ECTS
- 10/2012–12/2012 **Curso Livre: Análise das Interacções Verbais.**
Abordagens antropológica, linguística e sociológica.
FCSH-UNL, Lisboa (Portugal)
14 valores, com a obtenção de 3 ECTS
- 2007–2010 **Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais**
Escola Secundária Francisco Simões, Almada (Portugal)
15 valores.